

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

VINICIUS DE OLIVEIRA FREITAS

EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO NOTURNO:

Visão dos professores de educação física de uma escola pública estadual no
município de Palhoça/SC

FLORIANÓPOLIS

2017

VINICIUS DE OLIVEIRA FREITAS

EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO NOTURNO:

Visão dos professores de educação física de uma escola pública estadual no município de Palhoça/SC

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina DEF5875- Seminário de Conclusão de Curso II, do Curso de Graduação em Educação Física - Licenciatura, do Centro de Desportos (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Luiz Cardoso

Coorientador: Prof. Dr. Ângelo Luiz Brüggemann

FLORIANÓPOLIS

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Freitas, Vinicius de Oliveira

Educação física no ensino médio noturno : Visão dos
professores de educação física de uma escola pública
estadual no município de Palhoça/SC / Vinicius de Oliveira
Freitas ; orientador, Carlos Luiz Cardoso, coorientador,
Ângelo Luiz Brüggemann, 2017.

78 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Educação física. 3. Ensino médio. 4.
Período noturno. I. Cardoso, Carlos Luiz. II. Brüggemann,
Ângelo Luiz. III. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Educação Física. IV. Título.

VINICIUS DE OLIVEIRA FREITAS

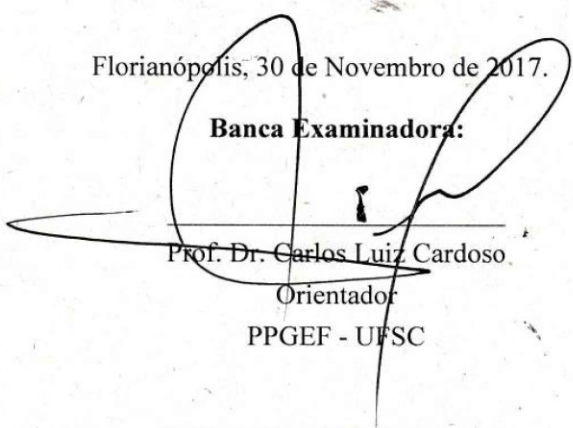
EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO NOTURNO:

Visão dos professores de educação física uma escola pública estadual no município de Palhoça/SC

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciado” no curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 30 de Novembro de 2017.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Carlos Luiz Cardoso

Orientador

PPGEF - UFSC

Prof. Drnd. Ângelo Luiz Brüggemann

Coorientador

PPGEF/UFSC

Membro - Prof. Drnd. Juliano Silveira

PPGEF/UFSC

Membro - Prof. Msndo. Rafael Matiuda Spinelli

PPGEF/UFSC

Membro - Prof. Dr. Edson Souza de Azevedo

Colégio de Aplicação – CED/UFSC

Este trabalho é dedicado aos meus familiares e amigos que de alguma forma contribuíram para que esse momento chegasse.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família por me apoiar e estar sempre ao meu lado, principalmente meu pai Sérgio e minha mãe Meg, pela educação, carinho e dedicação para que nada me faltasse, principalmente nesse período que estive presente na universidade. Agradeço também as minhas avós e tias por também terem contribuído para que eu chegasse até aqui, sem vocês nada disso seria possível.

A minha namorada Daiane, que mesmo estando presente nos momentos finais da minha graduação foi de extrema importância, seu apoio e compreensão foram essenciais para a conclusão desta etapa tão importante.

Aos meus amigos Bruno, Gustavo e Rodrigo, também pela compreensão neste período que estive ausente e pela amizade que construímos nesses últimos anos.

Aos amigos que tive a honra de conhecer durante esses anos na UFSC, principalmente os que estiveram comigo desde o início, em especial meu companheiro de estágios não-obrigatórios e obrigatórios, trabalhos da faculdade e trabalho, Felipe, obrigado pela parceria dentro e fora da UFSC.

Aos professores, servidores e funcionários em geral que de alguma forma contribuíram para que minha caminhada até aqui fosse a mais agradável e rica em conhecimentos possível. Em especial ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Luiz Cardoso e meu coorientador Prof. Dr. Ângelo Luiz Bruggemann pelo aceite nesta jornada.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como os professores de educação física de uma escola pública estadual no município de Palhoça veem a educação física no ensino médio noturno. A escolha do tema veio por meio de certa carência de conhecimentos ou discussões ao longo da graduação e o escasso referencial teórico sobre este nível de ensino, principalmente no período noturno, onde se tem um público diferenciado, trabalhador. O instrumento utilizado para coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada e a partir dos dados coletados, constatou-se que a educação física no ensino médio noturno é vista como um momento de descontração, recreação e de prática esportiva, visando uma melhora na qualidade de vida desses alunos. Em relação às metodologias de ensino utilizadas e conteúdos propostos, os professores afirmaram não ter uma concepção pedagógica específica e os conteúdos propostos foram às modalidades esportivas, como: futsal, vôlei, basquete e handebol. Tanto a evasão quanto o abandono escolar não têm recebido a atenção devida dos professores, o que indica pouca aproximação do cotidiano dos estudantes. Por outro lado, às dispensas são pouco utilizadas pelos alunos, mesmo sendo um direito, isso mostra de certa forma, interesse na disciplina e o fato de muitos trabalharem no contra turno, não interfere na motivação e participação dos mesmos nas aulas de educação física.

Palavra-chave: Educação Física. Ensino Médio. Período Noturno.

ABSTRACT

The present work aims to analyze how the physical education teachers of a state public School in the municipality of Palhoça see physical education in high school night. The choice of theme came through a lack of knowledge or discussions during the graduation and the scarce theoretical reference on this level of education, especially at night, where there is a differentiated, hardworking public. The instrument used for data collection was a semi-structured interview and from the collected data, it was found that physical education in the middle school night is seen as a moment of relaxation, recreation and sports practice, aiming at an improvement in the quality of life of these students. Regarding the teaching methodologies used and contents proposed, teachers stated that they did not have a specific pedagogical conception and the proposed contents were to the sports modalities, such as futsal, volleyball, basketball and handball. Both dropout and school dropout have not received the attention of teachers, which indicates little approximation of students' daily lives. On the other hand the dismissals are little used by the students, even if it is a right, this shows in a certain way, interest in the discipline and the fact that many work in the back shift, does not interfere in their motivation and participation in physical education classes.

Keywords: Physical Education. High School. Night Time.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	11
1.2 JUSTIFICATIVA	14
1.3 OBJETIVOS	18
1.3.1 Objetivo geral.....	18
1.3.2 Objetivos específicos.....	19
2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	20
2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL	20
2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO BRASIL	24
2.2.1 Abordagem da atividade física para a promoção de saúde	25
2.2.2 Abordagem concepção de aulas abertas as experiências	25
2.2.3 Abordagem da concepção crítico-superadora	27
2.2.4 Abordagem da crítico-emancipatória.....	28
2.2.5 Abordagem da concepção tecnicista/esportivizada	29
2.2.6 Abordagem da concepção desenvolvimentista.....	29
2.2.7 Abordagem da concepção construtivista-interacionista	31
2.2.8 Abordagem da concepção psicomotricista	32
2.3 ENSINO MÉDIO: SUJEITOS E SUAS DECISÕES	32
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
4. APRESENTAÇÃO DA DISCUSSÃO	45
4.1 APRESENTAÇÃO DO CAMPO.....	45
4.2 APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	45
4.3 EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
6. REFERÊNCIAS	63
ANEXO A.....	66
ANEXO B.....	68
ANEXO C.....	69

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

A Lei de Nº 9.394/96 das diretrizes e bases da educação nacional, de 20 de novembro de 1996 (LDB 9394/96), estabelece a finalidade da educação no Brasil, como esta deve ser organizada, quais são os responsáveis, quais são os níveis e modalidades de ensino, entre outros aspectos em que se define e se regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição.

Sendo assim, a educação no Brasil é organizada em dois grandes níveis, segundo o Art. 21, a educação básica, está dividida em três etapas (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) e ensino superior, tendo a educação básica por finalidades, segundo o Art. 22, “Desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”, tendo como responsáveis legais pelas instituições estaduais de nível fundamental e médio dos órgãos públicos ou privados, os Estados, que atuam através da Secretaria Estadual de Educação (SEE), o Conselho Estadual de Educação (CEE), a Delegacia Regional de Educação (DRE) ou Subsecretaria de Educação.

Dentre os níveis de ensino citados acima o que mais vem sendo envolvido em discussões e mudanças no momento é o ensino médio, sendo ele o personagem dessa pesquisa. Segundo Hilário Dick (2003, p. 26)¹:

O ensino médio no Brasil, tem se apresentado, ao longo da história da educação brasileira, como o nível de maior complexidade na estruturação de políticas públicas de enfrentamento aos desafios estabelecidos pela sociedade moderna, em decorrência de sua própria natureza enquanto etapa intermediária entre o ensino fundamental e a educação superior e a particularidade de atender a adolescentes, jovens e adultos em suas diferentes expectativas frente à escolarização, levando-se em consideração que estes conceitos são estabelecidos por uma construção social e como estes sujeitos se veem neste processo, que está intimamente ligado com a representação social que lhes é atribuída.

¹ Este texto será baseado no Documento do Ensino Médio Inovador MEC, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/ensino_medioinovador> Acesso em: 25 de maio 2017.

A Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina² nos mostra dados importantes para serem analisados, atualmente no Brasil, temos aproximadamente 6.878.791 milhões de alunos matriculados no ensino médio. Deste total, temos 191.661 alunos matriculados no estado de Santa Catarina e 4.622 no município de Palhoça, contabilizando as escolas estaduais, urbanas e rurais em período parcial e integral.

De acordo com o Qedu 2016³, a proporção de alunos com atraso escolar de dois anos ou mais, nos três anos do ensino médio entre 2006 e 2016 no Brasil, foi de 28% (a cada 100 alunos, aproximadamente 28 estavam com atraso escolar de dois anos ou mais). No estado de Santa Catarina, a média foi de 20% (a cada 100 alunos, aproximadamente 20 estavam com atraso escolar de dois anos ou mais). Já no município de Palhoça, o percentual acompanha a média brasileira (28%), sendo que a porcentagem da escola campo da pesquisa é maior que a média brasileira, catarinense e palhocense.

Analisando esses dados, temos uma boa porcentagem de alunos mais velhos, com jornadas de trabalho diárias e que no final do dia tem o compromisso com a escola onde estuda, o cansaço torna-se um aspecto que influencia negativamente, estes percentuais nos mostram que algo realmente deve ser pensado para esse público.

O que torna o ensino médio o nível de maior complexidade na educação básica, principalmente no noturno, são os diversos aspectos que influenciam no desenvolvimento do mesmo, sendo um desses o socioeconômico, fator esse relacionado diretamente com a vida dos alunos e que por consequência, influencia também na escolha pelo período de ensino. A baixa renda familiar faz com que os alunos tenham que optar pelo ensino noturno para poder conciliar estudo e trabalho.

O vínculo empregatício, unido a fatores de idade e prole, fizeram com que a obrigatoriedade da educação física fosse posta em discussão, sendo assim, o componente curricular passou ser facultativo nos casos citados acima segundo o Art. 26, inciso III (LDB 9394/96):

² Disponível em: <<http://www.sed.sc.gov.br/documentos/censo-278/dados-premiliares-2016>> Acesso em: 16 de Outubro de 2017.

³Disponível em: <http://gedu.org.br/brasil/distorcao-idade-serie?dependence=0&localization=0&stageId=initial_years&year=2016> Acesso em: 16 de outubro de 2017.

A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno: I) Que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; II) Maior que trinta anos de idade; III) Que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação militar, estiver obrigado à prática da educação física; IV) Amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003); V) (VETADO) (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003); VI) Que tenha prole. (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003). (BRASIL, 1996)

Com isso, tonando-se cada vez mais marginalizado frente aos outros componentes curriculares. A partir daí as dispensas passam a se tornar frequentes nas aulas de educação física, sendo utilizada muitas vezes como “desculpa” para uma possível desmotivação e desinteresse, resultado de experiências negativas em anos de escolarização. Lembrando que as dispensas não são exclusividade do período noturno, o diurno também passa por isso.

O resultado da desmotivação e desinteresse citados acima causados pelos múltiplos fatores que envolvem o cotidiano escolar desses alunos é a exclusão e principalmente a evasão escolar, que junto às dispensas também se tornam frequentes nas aulas de educação física. Analisando todos esses aspectos presentes no ensino médio noturno e entendendo o professor de educação física como fundamental no processo de reafirmação da educação física como componente curricular essencial na formação integral e social desses alunos, desenvolvendo no aluno um olhar crítico, buscando um processo de autonomia e emancipação colocando-se como personagem histórico-social na sociedade em que vivemos, podendo assim, intervir criticamente na mesma.

Analisando o que foi discutido, foi visto que a educação física no Ensino médio não tem cumprido seu papel social de uma formação crítica para a cidadania, além de não estar mostrando as diferentes práticas da cultura corporal. A partir disso, surgiu o seguinte problema de pesquisa: **Qual a visão dos professores de educação física em relação às aulas de educação física no ensino médio noturno?**

1.2 JUSTIFICATIVA

Em busca de referências para este estudo, foi pesquisado sobre a produção acadêmica referente à educação física no ensino médio em quatro revistas da área nos últimos 15 anos, são elas: Motrivivência (UFSC/SC), Movimento (UFRGS/RS), RBCE (acompanha a direção do CBCE) e Pensar a prática (UFG/GO), sendo digitada na caixa de busca de cada página eletrônica, a frase “Ensino Médio”.

Revistas essas, que vem desenvolvendo no campo da educação física trabalhos relacionados não só a história da educação física no Brasil, mas também ao esporte e ao lazer, dialogando também com outros campos do conhecimento, como as ciências humanas e sociais, dando ênfase a aspectos pedagógicos, históricos, políticos e culturais. Abordando assim, diferentes concepções, das mais variadas abordagens, temas e objetivos, ampliando cada vez mais os conhecimentos e as possibilidades de inserção da educação física nas diferentes áreas.

A pesquisa foi feita buscando artigos dos últimos 15 anos, pois é nesse período que começam a surgir artigos discutindo a educação física nesse nível de ensino e porque este trabalho tem como objetivo discutir questões acerca do atual ensino médio noturno nos moldes da LDB 9394/96 e que difere do novo ensino médio criado a partir da Medida provisória Nº 746, hoje Lei 13.415/17⁴.

Foram encontrados 41 artigos no total, sendo 7 (17%) na revista Motrivivência, 13 (32%) na revista Movimento, 7 (17%) na RBCE e 14 (34%) na revista Pensar a prática. Dentre os 41 textos, foram encontrados temas relacionados ao mundo do trabalho, mídia e educação, identidade de gênero e sexualidade, e religião. O que chamou atenção, foi o fato de apenas 2 desses 41 artigos serem específicos sobre o

⁴Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: <<http://legis.senado.leg.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=602639&id=14374947&idBinario=15657824&mime=application/rtf>> Acesso em: 4 de novembro de 2017.

ensino médio noturno. Acredito que tendo apenas 2 artigos que tratem do Ensino médio noturno já seja uma boa justificativa para a discussão do tema.

Sendo assim, entendo que a pesquisa tem grande relevância para a área da educação física, visto que o tema estudado sempre esteve envolvido em inúmeras discussões sobre problemas estruturais que o permeia, sobre o seu real significado e finalidade, e que hoje passa por um processo de reformulação.

O Brasil vive desde a posse do atual presidente Michel Temer, um período conturbado, com uma série de reformas, sendo algumas delas, a da previdência, a trabalhista e a do ensino médio. Ambas as reformas estão sendo amplamente criticadas por retirarem direitos historicamente conquistados pelas classes menos favorecidas, que acabam por manter as desigualdades sociais existentes em nosso país.

A reforma do ensino médio surge através da Medida Provisória nº 746 de 22 de setembro de 2016⁵ e posteriormente se torna a aprovada Lei nº 13.415/17 de 16 de fevereiro de 2017. Diz respeito a uma mudança curricular na educação brasileira, em especial no ensino médio, que até então era regida pela LDB 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996, com o intuito segundo o MEC⁶, de propor uma flexibilização da grade curricular, dando mais autonomia ao estudante, podendo o mesmo, escolher a área de conhecimento que lhe é mais pertinente. O novo currículo terá uma base comum obrigatória (Base Nacional Comum Curricular (BNCC)) a todas as escolas (educação infantil, ensino fundamental e médio) e outra parte flexível que caberá ao estudante (do ensino médio) escolher.

O Art. 3º da Lei 13.415/17 (incisos II, III e IV), traz as disciplinas de língua portuguesa e matemática como obrigatórias nos três anos do ensino médio. A disciplina de língua inglesa também será componente obrigatório, tendo outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, sendo preferencialmente o espanhol. A educação

⁵ Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências. Disponível em: <<http://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=2517992&disposition=inline>> Acesso em: 4 de novembro de 2017.

⁶Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>> Acesso em: 4 de Novembro de 2017.

física, diferente da primeira versão (excluída), torna-se componente obrigatório junto a outras disciplinas (arte, sociologia e filosofia), que também tinham dúvidas sobre sua obrigatoriedade.

No Art. 6º, nos é apresentado o profissional com “notório saber”, que se caracteriza por ter conhecimento/experiência em uma determinada área, sem ter um diploma de curso superior, no caso da educação física, esse profissional poderia ser um treinador ou ex-atleta de alguma modalidade esportiva, que comprovem experiência na mesma.

Analizando assim, minha trajetória no ensino médio, vejo que poderíamos ir mais além da prática que tínhamos nas aulas, que seguiam uma linha desportiva, com a prática de algumas modalidades. Confesso que para nós alunos da época, a prática proposta já era o suficiente e nos contemplava.

Hoje, concluindo minha graduação, analisando tudo o que foi apreendido nesse período, vejo o quão rico foram os conhecimentos compartilhados e o quão variado é o campo da educação física. No currículo do curso temos as mais diversas disciplinas das mais diversas áreas, fisiológica, esportiva (modalidades individuais e coletivas, de aventura), pedagógica e metodológica (abordagens pedagógicas), do lazer, dos jogos e das brincadeiras, entre outras, que envolvem as mais diversas formas de expressão corporal historicamente construídas e transformadas ao longo dos anos. Sendo assim, vejo que conteúdos foram negligenciados e apresentados superficialmente, sendo vivenciada uma educação física incompleta e desconexa em relação à realidade do educando, dificultando a compreensão da importância da disciplina na formação integral dos mesmos.

A prática desportiva como componente da cultura corporal de movimento tem sua importância, mas o desconhecimento por parte dos alunos faz que muitos pensem que as aulas de educação física se resumam apenas a isso, desconhecendo o seu real significado, acreditando assim, que a disciplina se resumia ou se restringia ao jogo, lazer, recreação ou talvez como muitos alunos imaginem, que a educação física é a extensão do recreio onde ambos possuem o mesmo significado. Assim como a educação infantil e o ensino fundamental, o ensino médio é um nível de ensino importantíssimo,

com inúmeros conteúdos e possibilidades a serem trabalhados, das mais diversas formas, o público, principalmente do ensino noturno, necessita de muita atenção e dedicação.

Durante minha formação acadêmica pouco ou nada se viu, discutiu ou estudou sobre esse nível de ensino, muito menos sobre esse turno de ensino. Temos no currículo do curso, por exemplo, uma disciplina que trata especificamente de conhecimentos relacionados à educação infantil (Educação física na infância), estágios supervisionados também na educação infantil e ensino fundamental, nos anos iniciais e finais. Existem também disciplinas que poderiam de alguma forma abordar este nível de ensino, como: Didática, Organização Escolar e Metodologia do Ensino da Educação física, abrindo espaço para discussões e reflexões sobre as possibilidades da educação física no mesmo, mas pouco ou nada se discutiu, sendo negligenciado o ensino em diversos momentos da nossa formação.

Acredito que ambos os níveis devem ter sua devida importância e necessitam de igual atenção e dedicação, acredito que os problemas enfrentados hoje no ensino médio, em especial o noturno, começam em partes em nossa formação inicial que não apresenta e não nos proporciona subsídios, sejam eles, disciplinas ou ao menos discussões acerca do tema, para lidar com tal público, jovens em sua maioria, trabalhadores, que necessitam de atenção redobrada e conteúdos que sejam significativos na formação desses alunos, o aprendizado muitas vezes vem com a prática e sem preparo algum.

Para muitos, o ensino médio é o último estágio de formação, então este deveria oportunizar uma maior gama de conhecimento aos adolescentes e adultos com o objetivo de emancipá-los para uma vida em sociedade, de modo a se tornarem sujeitos críticos e transformadores da sua própria realidade. Essa emancipação não viria do nada, ela deve ser fundamentada em algo, no caso da educação física escolar, via conhecimentos baseados nas abordagens pedagógicas.

Analisando o público que frequenta o ensino médio noturno (alunos trabalhadores em sua maioria), temos uma situação complexa, pois muitos desses alunos chegam cansados à escola, passam horas sentados e veem na educação física um momento de descontração e fuga. Acredito que o primeiro passo seria ouvir esses

jovens sobre suas necessidades em relação às aulas, dar mais autonomia a esses alunos e pensar coletivamente o que deve ser compartilhado e vivenciado por eles, construindo assim, um planejamento conjunto. Uma abordagem que se encaixaria nesse modelo de aula seria a Abordagem concepção de aulas abertas às experiências, que será apresentada a seguir, e que de modo geral, o ensino é orientado no aluno, no processo, na problematização e na comunicação, segundo trabalho⁷ de conclusão de curso desenvolvido por um colega do curso de educação física, que trata de uma experiência de estágio na educação infantil com a utilização da abordagem de aulas abertas às experiências. Se existem experiências na educação infantil e possivelmente no ensino fundamental, por que não no ensino médio?

De modo geral, as concepções críticas da educação física se encaixam nesse perfil, principalmente pelo fato de os alunos já terem uma capacidade maior de reflexão em relação aos conteúdos propostos, pressupõe-se também que os mesmos possuam uma maior bagagem histórico-cultural, que tem total influência neste processo de reflexão. As abordagens Crítico-superadora e Crítico-emancipatória, que também serão apresentadas a seguir, seriam assim como a abordagem de aulas abertas às experiências, de grande valia no aprendizado dos educandos, muito por se preocuparem com aspectos sócio-histórico-sociais, relacionando os conteúdos à realidade de cada aluno, criando possibilidades para sua produção crítica, buscando compreender as relações de poder e da luta de classes em nossa sociedade.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Analisar como os professores de Educação Física de uma Escola Pública Estadual do Município de Palhoça veem a Educação Física no Ensino Médio Noturno.

⁷Trabalho sobre a concepção de aulas abertas: Este artigo constitui um recorte da pesquisa que objetiva compreender as novas possibilidades que têm se originado na inserção da Concepção de 'Aulas Abertas' num Núcleo de Educação Infantil (NEI) - Florianópolis/SC. Da presente base teórica foi produzido Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Educação Física na UFSC (HIRAI, 2007). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/2267/3864>

1.3.2 Objetivos específicos

- Compreender como os professores de Educação Física veem o componente curricular no Ensino Noturno atual;
- Analisar a organização e o desenvolvimento das aulas de Educação Física no Ensino Noturno;
- Compreender como os conteúdos são trabalhados com os alunos;
- Compreender por meio da fala dos professores como é a participação dos alunos para a aula de Educação Física.

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Para que possamos entender qual o papel da educação física dentro da sociedade em que estamos inseridos, temos que analisar toda sua trajetória que caminha junto a períodos históricos do Brasil, desde os seus primeiros registros no Brasil império, passando por um período higienista, adestrador e militarizado, esportivizado, chegando ao período crítico, com o movimento renovador, tornando-se uma área de conhecimento do campo científico muito bem estruturada teoricamente, mas com uma prática muitas vezes criticada.

Segundo Gonçalves (1997), a história da Educação Física no Brasil, assim como a da educação, em cada época esteve ou está ligada à representação de diversos papéis determinados pelos interesses da classe dominante. Assim sendo, a Educação Física Escolar assumiu funções de acordo com diversas tendências: militarista, higienista, biologicista, pedagogicista e etc. E que ainda hoje permeiam sua prática.

A educação física aparece na história da educação brasileira desde o período do Brasil Império. Não se tem muitas informações sobre fatos referentes à inclusão da educação física no contexto escolar nessa época, devido à escassez de registros oficiais e bibliografias. Todo esse processo de pesquisa sobre a história da educação física foi muito bem executado pelo professor Inezil Penna Marinho que é, para Castellani Filho (1994), *“o maior referencial sobre esse tema, e, predominantemente, é a base para as pesquisas históricas da Educação Física escolar”*.

Segundo Marinho (1971), a partir da proclamação da independência, o interesse pela criação de propostas pedagógicas para uma reformulação da educação começaram a ser discutidas, e nelas já se encontrava citada a Educação Física como componente. Porém, os modelos de processo educacional eram comandados restritamente por pessoas das áreas religiosa, médica ou militar (não havendo uma área específica para os educadores, menos ainda para a Educação Física) e direcionados para atender seus interesses. Sendo assim a educação física, foi durante muitos anos no Brasil como império português, negligenciada e afastada do cenário escolar civil, sendo comandada

exclusivamente pelas instituições militares e caracterizada erroneamente como treinamento militar, sem benefícios pedagógicos.

A reforma Couto Ferraz, outorgada em 1851, conforme Betti (1991) é considerada marco histórico definindo o início da educação física brasileira. Essa reforma tornou a educação física obrigatória nas escolas do município da corte.

Marinho (1971), ainda afirma que nos anos de 1876, 1880 e 1882, surgiram decretos e reformas que ajudaram na efetivação da educação física como componente obrigatório, sendo justificada pelos princípios da filosofia *mens sana in corpore sano*(mente sã em corpo são), que idealizava o ser humano perfeito.

Talvez este período não tenha sido citado, pois fez parte do dito período higienista, como o próprio nome já diz, ressaltava os interesses sociais higienistas, que foi predominante até 1930.

Desde sua origem, a predominância de características biologicistas, que visavam o corpo sadio e apto às necessidades das classes dominantes e que desconsideravam de todas as formas aspectos socioculturais que explicassem possíveis diferenças entre os indivíduos. Assim como afirma Castellani Filho (2004), a Educação Física teve em sua origem no contexto nacional um caráter biológico, com vistas à eugenia da raça para uma sociedade sadia que atendesse às necessidades solicitadas, restrita à formação de soldados e mulheres aptas à procriação de proles sadias.

Nesse período dito higienista, que ocorreu junto ao fenômeno da revolução industrial na Europa, em meados do século XVIII, a educação física era utilizada como ferramenta para manutenção da saúde de operários da época expostos a condições precárias internas, referentes ao trabalho e externas, referentes ao saneamento básico, tornando-se assim, reféns dos padrões que obtinham poder sobre a produção braçal desses indivíduos.

As atividades realizadas na época eram executadas não por profissionais de educação física e sim por médicos higienistas que eram intitulados planejadores de ações preventivas de *assepsia social* (GHIRALDELLI, 1988), com vistas à construção do *homem novo para a nova vida em sociedade* (SOARES, 1998), ou seja, homem sadio representante da força de trabalho capaz de manter os lucros do capital. Essas

atividades, feitas na sua maioria em escolas, eram intituladas como ginástica, auxiliando na formação de hábitos saudáveis, com ênfase nas atividades naturais ao ar livre e nos exercícios respiratórios, devido aos altos índices de doenças respiratórias por conta das fábricas.

O que aconteceu no Brasil foi somente reflexo do ocorrido na Europa, o processo foi um pouco tardio, cem anos depois, mas com os mesmos ideais, “[...] inspirados nas teses daltonianas de superioridade ‘natural’ da raça branca” (SOARES, 1998). Ou seja, a intenção era a extinção dos negros, que teve um crescimento com o advento das leis abolicionistas, na segunda metade do século XIX, visando a tão propagada eugenia da raça branca.

Assim como na Europa, as escolas e principalmente a educação física, por se tratar de uma disciplina que tinha como objetivo o trato com o corpo, foram escolhidos como veículos para a reprodução dos novos valores ideológicos e higiênicos do governo da época visando uma sociedade uniforme e homogênea. Concretiza-se assim, uma naturalização e biologização da educação física com enfoque nos métodos ginásticos europeus.

De acordo com Marinho (1971), as forças armadas também tiveram durante um longo período, 1930 a 1945, total influência não só na educação e na educação física, mas principalmente no desenvolvimento da sociedade da época, onde houve grandes mudanças no âmbito socioeconômico. Esse período foi marcado pelo governo de Getúlio Vargas e foi intitulado período militarizado.

Até 1937, a educação física era controlada e influenciada por outras áreas do conhecimento, principalmente com enfoque médico-higienista, que fazia com que a educação física não tivesse uma identidade própria, tendo assim dificuldades de se autoafirmar como também área do conhecimento. A educação física era utilizada também pelos militares de forma segregadora e excludente, por meio de testes nas escolas para seleção dos jovens mais aptos e sadios para servir a pátria, formando-se assim, turmas homogêneas separadas por sexo e características físicas. (MARINHO, 1971; CASTELLANI FILHO, 1994; BETTI, 1991)

Nas escolas, como citado anteriormente, os professores de educação física eram na verdade instrutores de ginástica formados pelas forças armadas, o objetivo desses instrutores nada mais era que transmitir de forma autoritária, disciplinadora e hierárquica, os métodos militares de adestramento dos corpos por meio da ginástica. Para Castellani Filho (1994), algo que caracterizou esse período militarista nas escolas foi o decreto que negava a matrícula de estudantes que eram considerados incapazes de participar das aulas de educação física. Waldemar Areno, médico e professor da escola de educação física e desportos, reafirma esse pensamento, sendo favorável ao extermínio das pessoas com deficiência para evitar o surgimento de indivíduos dependentes e inúteis que fugiam dos ideais de homem idealizado pela classe dominante da época.

Para Marinho (1971), é a partir de 1937, que a educação física começa a se tornar uma área do conhecimento individualizada e se aproximar de outras áreas da educação formal, tendo mudanças significativas no seu desenvolvimento nas instituições de ensino em âmbito nacional. Ficam claras as influências militaristas e médico-higienistas na história da educação física no Brasil. Esse quadro começou a mudar com o fim da era Vargas que culminou com o fim da segunda guerra mundial, em 1945.

A partir de 1945, também segundo Marinho (1971), tem-se o início do período dito esportivizado, onde o esporte e a educação física acabam se confundindo, pois, a prática pedagógica da época se resumia no ensino das modalidades esportivas, focando na exigência técnica de modo a formar atletas para o futuro. O ensino da educação física nesse período ficou direcionado para o atendimento aos interesses do governo e dos militares.

A função do professor de educação física acabou sendo caçar talentos, tornando a escola e as aulas de educação física um espaço para treinamentos, valorizando os mais habilidosos e excluindo por consequência, os menos aptos.

O esporte no Brasil, segundo Castellani filho (1994), além de exaltar o nacionalismo, era utilizado pelo governo (aproveitando-se da sua comoção nacional) para distrair a população dos diversos problemas político-sociais presentes não só em

nosso país. Para o governo, já citado, era de fundamental importância apresentar uma estabilidade que estava muito distante de existir.

Assim como a educação física escolar, o ensino superior também foi afetado pelos interesses governamentais da época, tendo também um enfoque técnico-desportivo, o que gerou uma série de discussões, levando a educação física, anos mais tarde a uma crise de identidade.

2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO BRASIL

Como visto anteriormente, a educação física escolar no Brasil, passou por períodos onde suas funções representaram, durante muito tempo, os ideais das classes dominantes, sendo utilizado como ferramenta de dominação e alienação, de modo a formar uma sociedade “sadia e justa”.

Após esse período, a educação física escolar passou a viver uma crise de identidade e novas reflexões começam a surgir sobre o seu real significado. A partir dos anos 80 começa a se articular o movimento renovador, de ordem mais crítica, de modo a modificar um modelo de educação física até então hegemônico e excludente, onde aspectos físicos eram predominantes e valorizados. Uma renovação teórico-prática começa a surgir, e conseqüentemente uma disputa pela hegemonia no pensamento pedagógico e científico da educação física.

Souza Júnior (1999, *apud* AZEVEDO & SHIGUNOV, 2000), em relação a estes movimentos, afirma:

Na busca de uma nova dimensão, tais proposições sugerem desde o que entendem como elemento específico (objetivo de estudo) da E.F., passando por operacionalização de conteúdos do ponto de vista pedagógico, indo até o entendimento de como avaliar em educação física. (p.20-21)

As abordagens pedagógicas surgem assim, como contraponto as tendências já ultrapassadas, começando a pensar a educação física como componente curricular que visa à formação integral do indivíduo. Abordagens essas, que serão apresentadas brevemente a seguir.

2.2.1 Abordagem da atividade física para a promoção de saúde

A presente abordagem visa uma conscientização sobre conhecimentos acerca da atividade física e seus benefícios para a promoção da saúde, principalmente por parte dos escolares, entendendo que é nessa fase que se deve introduzir a importância de hábitos saudáveis para que os mesmos se tornem adultos saudáveis. Nesta abordagem, considera-se de extrema importância a adoção pedagógica de uma nova organização educacional por parte dos docentes, ampliando os conteúdos a serem compartilhados nas aulas, deixando de vivenciar somente a prática desportiva, dando espaço a outras experiências, de modo a alcançarem metas em termos da promoção da saúde. (GUEDES & GUEDES, 1993)

A educação física com ênfase na educação para a saúde tem por objetivo desenvolver nos alunos hábitos saudáveis, fazendo com que os mesmos optem por um estilo de vida mais ativo e que não participem somente de situações esporádicas, levando assim, esse estilo de vida ativo também a fase adulta, evitando possíveis enfermidades relacionadas à obesidade, problemas cardíacos, hipertensão, estresse. Enfermidades essas, que tem em sua maioria, estrita relação com o sedentarismo.

No contexto das sociedades industrializadas e em desenvolvimento, o estilo de vida e, em particular, a atividade física, tem, cada vez mais, representado um fator de qualidade de vida tanto quanto relacionada à saúde das pessoas de todas as idades e condições socioeconômicas, estando associada a maior capacidade de trabalho físico e mental, mais entusiasmo para a vida e sensação de bem estar, menores gastos com a saúde, menores riscos de doenças crônico-degenerativas e mortalidades precoces. (NAHAS, 1998, P.2)

Entende-se que a atividade física para promoção da saúde sendo um conteúdo a ser compartilhado nas aulas de educação física tem muito a contribuir e consequentemente, muita importância na manutenção de hábitos e comportamentos saudáveis visando uma melhora nas condições de saúde da população, sendo ela escolar ou não.

2.2.2 Abordagem concepção de aulas abertas as experiências

A concepção de aulas abertas tem como seus principais autores Hildebrandt e Laging (1986), tendo como área base a psicologia social e a sociologia - construção social da realidade.

Hildebrandt (2003) conceitua a aula aberta às experiências como...

[...] aquela aula onde o professor admite que os educandos são pessoas que sabem atuar juntas, entender-se conjuntamente em suas ações, onde os alunos podem apresentar suas opiniões e realizar as suas experiências, que resultam das suas histórias individuais da vida cotidiana. (p. 142)

Oliveira (1997, p.22), ressalta que esta abordagem é caracterizada como crítica sendo seu objetivo “trabalhar o mundo do movimento em sua amplitude e complexidade com a intenção de proporcionar aos participantes, autonomia para a capacidade de ação”, sendo os conteúdos básicos o “mundo do movimento e suas relações com os outros” e o processo avaliativo se “privilegia a avaliação do processo ensino-aprendizagem”.

A concepção de aulas abertas às experiências se baseia em elementos presentes na vida de cada aluno, analisando sua história de vida ou trajetória até o momento, na vida de movimento e na construção da biografia esportiva de cada um, analisando a concepção de esporte e de movimento que a sociedade vem construindo ao longo da história e na conjuntura das aulas de educação física escolar. (AZEVEDO & SHIGUNOV, 2000)

Azevedo e Shigunov (2000) preveem uma metodologia direcionada a ampliar as possibilidades de decisão conjunta com os alunos, dando mais espaço a um planejamento também conjunto, onde os desejos e os interesses dos mesmos possam ser potencializados, tendo mais chances de uma maior inserção nas aulas e aos conteúdos compartilhados.

Os autores dizem que as concepções de ensino

São abertas, quando os alunos participam das decisões em relação aos objetivos, conteúdos e âmbitos de transmissão ou dentro deste complexo de decisão. O grau de abertura depende do grau de possibilidade de co-decisão. As possibilidades de decisão dos alunos são determinadas cada vez mais pela decisão prévia do professor. (HILDEBRANDT & LAGING, 1986, p. 15)

A abordagem foi concebida na intenção de alterar a preparação do professor de educação física, o que permitiria uma ressignificação dos conteúdos e das aulas para as crianças, sendo criado um planejamento que vá de encontro com as expectativas dos

alunos, levando em consideração o acúmulo de experiências vivenciadas pelos mesmos até o momento. A co-decisão faz com que a compreensão da abordagem fique facilitada e conseqüentemente, dos objetivos, conteúdos e os métodos. (AZEVEDO; SHIGUNOV, 2000)

2.2.3 Abordagem da concepção crítico-superadora

A seguinte abordagem é representada pelo livro *Metodologia do ensino da educação física*, escrito por um coletivo de autores (1992) e trata pedagogicamente de conteúdos acerca da cultura corporal, seu conhecimento norteador, visando à expressão corporal como linguagem. Assim como a abordagem concepção de aulas abertas às experiências, a abordagem crítico-superadora também é crítica, como o próprio nome já diz.

A educação física na ótica da concepção Crítico-Superadora “[.] *é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal.*” (Coletivo de Autores, 1992. p. 61).

Busca entender com profundidade o ensinar, onde não significa apenas transferir ou repetir conhecimentos, mas criar as possibilidades de sua produção crítica, sobre a assimilação destes conhecimentos, valorizando a questão da contextualização dos fatos e do resgate histórico. (AZEVEDO & SHIGUNOV, p. 84, 2000)

Nesta abordagem a educação física é entendida, segundo o Coletivo de Autores (1992, p.33), como “[...] *uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal*”. Estar a par de aspectos socioculturais dos alunos, é de extrema importância, pois a abordagem baseia-se na relação dos conteúdos compartilhados à realidade de cada sujeito, buscando por meio da reflexão crítica, compreender as relações de poder e a luta de classes presentes na sociedade.

Essa concepção segue um princípio muito importante para o processo de seleção dos conteúdos de ensino, que de acordo com o coletivo de autores (1992), é:

[...] a relevância social do conteúdo que implica em compreender o sentido e o significado do mesmo para a reflexão pedagógica escolar/ Este deverá estar vinculado à explicação da realidade social concreta e oferecer subsídios para a compreensão dos determinantes sócio-históricos do aluno, particularmente a sua condição de classe social. (p. 16)

Segundo Soares *et al.* (1992), a tendência Crítico-superadora é diagnóstica, por que pretende ler os dados da realidade, interpretá-los e emitir um juízo de valor específico e trabalha pedagogicamente com a reflexão.

2.2.4 Abordagem da crítico-emancipatória

A abordagem Crítico-emancipatória foi idealizada por Elenor Kunz, busca por meio do esporte (conteúdo que a abordagem está centrada) uma reflexão sobre suas possibilidades de transformação didático-pedagógica, tornando a educação escolar das crianças e jovens a mais crítica e emancipada possível (AZEVEDO & SHIGUNOV, 2000). Como relata Kunz (1994), “uma Educação mais emancipadora, voltada para a formação da cidadania do jovem do que de mera instrumentalização técnica para o trabalho” (p.144)

A emancipação nesta abordagem seria para Kunz (2004), o “[...] *processo de libertar o jovem das condições que limitam o uso da razão crítica e com isso todo o seu agir social, cultural e esportivo, que se desenvolve pela educação*”. (p. 33)

Bracht (1999, p.80) afirma que “*A proposta de Kunz parte de uma concepção de movimento que ele denomina dialógica. O movimentar-se humano é compreendido como uma forma de comunicação com o mundo*”. Sendo assim, Kunz (1994) enfatiza a necessidade de ampliar a reflexão do movimento enquanto “diálogo entre homem e mundo”, servindo como embasamento para a interpretação pedagógica do movimento humano, fundamentando um trabalho de intencionalidade pedagógica emancipatória para a educação física escolar.

O processo de aprendizagem dos alunos nesta concepção é favorecido principalmente no aspecto do diálogo entre professor/aluno e aluno/aluno, pois a mesma valoriza as interlocuções, ou seja, nas aulas, as competências: objetiva, social e comunicativa, favorecendo o processo de autonomia dos alunos.

O livro que representa esta abordagem é intitulado *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Esta abordagem, assim como a concepção de aulas abertas às experiências e a crítico-superadora, é considerada crítica.

2.2.5 Abordagem da concepção tecnicista/esportivizada

Diferente das abordagens ditas críticas, a abordagem tecnicista se preocupa com a eficiência técnica do aluno/atleta, centrando-se nas repetições, sendo suas ações mais físicas do que mentais. As modalidades esportivas são o conteúdo base, sendo desenvolvidas tanto no ambiente escolar quanto fora dele, onde o esporte está inserido.

Diferente da abordagem crítico-emancipatória, que também está centrada no ensino do esporte, entretanto, mesmo as abordagens estarem centradas no ensino do esporte, o mesmo é abordado de formas distintas.

A abordagem tecnicista utiliza o esporte valorizando as qualidades físicas e as habilidades desenvolvidas pela sua prática, visando um crescimento físico saudável, deixando em segundo plano as reflexões sócio-históricas, reproduzindo os ideais do esporte de rendimento dentro da escola, esporte na escola. Já a abordagem Crítico-emancipatória entende o esporte como uma cultura de movimento hegemônica que precisa de uma transformação didático-pedagógica para entrar como conteúdo nas escolas, esporte da escola.

Azevedo e Shigunov (2000, p.90), alegam que a abordagem tecnicista, “[...]objetiva a valorização das qualidades físicas, intelectuais e morais positivas, possibilitando a formação do homem de mentalidade sadia e justa”.

Os principais autores que tratam desta abordagem são Moacir B. Daiuto e José Roberto Borsari e tem como uma de suas obras o livro *Qualidades físicas na E.F e nos desportos*.

2.2.6 Abordagem da concepção desenvolvimentista

A abordagem desenvolvimentista tem como seu principal autor Go Tani, uma de suas obras mais significativas é o livro intitulado *Educação Física: Uma abordagem desenvolvimentista*.

Esta abordagem assim como a anterior, foge de uma tendência mais crítica e tem como característica a utilização do movimento como meio e fim da educação física. Tem na psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem a base para fundamentar a educação física escolar e destina-se principalmente, as crianças de 4 a 14 anos.

A Aprendizagem motora, como uma área de estudo, procura explicar o que acontece internamente com o indivíduo, quando passa, por exemplo, de um estado em que não sabia andar de bicicleta para um estado em que o faz com muita proficiência. É, portanto uma área de estudo preocupada com a investigação dos mecanismos e variáveis responsáveis pela mudança no comportamento motor de um indivíduo. (TANI et al., 1988)

O objetivo da educação física, segundo os autores, é ofertar uma gama de experiências de movimento que resultem no desenvolvimento e aprendizagem das habilidades motoras - andar, correr, saltar, arremessar, rolar- de acordo com os níveis de crescimento e desenvolvimento de cada indivíduo, de modo que o mesmo se adapte as exigências do cotidiano, por meio de desafios motores estabelecidos para cada faixa etária. Há então, segundo Azevedo e Shigunov (2000, p. 84), “[...] *uma tentativa de caracterizar a progressão normal do crescimento físico, do desenvolvimento fisiológico, motor, cognitivo e afetivo social.*”

Os conteúdos segundo Gallahue (1982, *apud* AZEVEDO & SHIGUNOV, 2000), devem ser desenvolvidos de acordo com modelo de taxionomia (classificação) do desenvolvimento motor, na seguinte ordem:

- Fase dos movimentos fetais;
- Fase dos movimentos espontâneos e reflexos;
- Fase dos movimentos fundamentais;
- Fase de combinação de movimentos fundamentais e movimentos culturalmente determinados.

É importante ressaltar que a abordagem desenvolvimentista procura privilegiar a aprendizagem do movimento, embora possam estar ocorrendo outras aprendizagens. Uma das limitações desta abordagem está na escassa reflexão sobre a influência do contexto sociocultural na aquisição das habilidades motoras.

2.2.7 Abordagem da concepção construtivista-interacionista

A abordagem construtivista-interacionista, assim como a desenvolvimentista, tem suas bases na psicologia, e visa à inclusão das dimensões afetivas e cognitivas ao movimento humano buscando a formação integral do aluno.

João Batista Freire pode ser considerado como o responsável pela introdução desta abordagem na Educação Física Escolar. Seu livro *Educação de Corpo Inteiro (1991)* é considerado obra de referência no contexto construtivista.

Esta abordagem se fundamenta na construção do conhecimento do aluno, através da interação com o meio em que o mesmo está inserido, valorizando o aspecto histórico-social do aluno, explorando as mais diversas possibilidades educativas lúdicas espontâneas, propondo um método desafiador ao aluno através do desenvolvimento de tarefas cada vez mais complexas, de modo a construir seu conhecimento através da resolução de problemas, tendo seu próprio modelo de movimento.

Freire (1994) enfatiza que o fundamental é que todas as situações de ensino sejam de interesse da criança, e que,

Corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo, ambos devem ter assento na escola, não é um (a mente) para aprender e o outro (o corpo) para transportar, mas ambos para se emancipar. (p.13)

Freire (1994) recomenda que o professor utilize do contexto dos jogos ou brincadeira para ensinar os conteúdos, pois esta abordagem tem no jogo seu instrumento pedagógico principal, para o ensino de suas competências. O autor defende que enquanto a criança brinca, ela aprende, e que esse aprendizado deva ocorrer em um ambiente lúdico e prazeroso. E ainda complementa afirmando que a criança é especialista no jogo, no brincar e no brinquedo, tendo um conhecimento prévio que deve ser respeitado.

2.2.8 Abordagem da concepção psicomotricista

A abordagem psicomotricista tem suas bases na psicopedagogia, sendo assim, seus conhecimentos fogem dos princípios de ordem biológica e de alto rendimento, e acaba dando ênfase a conhecimentos de ordem psicológica.

Em meados da década de 70 (uma década antes do ‘movimento renovador’), a abordagem psicomotricista foi que, ajudou a cimentar a divisão corpo e mente, preocupando-se com o desenvolvimento integral do aluno, estimulando a interdependência do desenvolvimento dos aspectos motores, cognitivos e afetivos. A influência da psicomotricidade na EF brasileira é um dos motores para o surgimento do pensamento crítico.

O grande difusor desta abordagem foi Jean Le Boulch (1986) e uma das obras de maior destaque é intitulada *Aprendizagem e desenvolvimento infantil: Perspectivas pedagógicas*.

A psicomotricidade para Le Boulch (1983) coloca em evidência a prevenção das dificuldades pedagógicas, dando prioridade à educação do corpo com vista ao desenvolvimento total do indivíduo, tendo função principal na escola a formação dos alunos para a vida, utilizando de métodos pedagógicos renovados, ajudando a criança a se desenvolver de forma ampla para a vida social.

A psicomotricidade busca por meio da atividade lúdica – jogo infantil - desenvolver na criança consciência corporal, noções de lateralidade, coordenação motora global e coordenação fina, equilíbrio, percepção sonoro-tátil-visual, entre outras, valorizando a pré-história de cada indivíduo, utilizando como ferramenta para elaboração de estratégias pedagógicas.

Para Azevedo e Shigunov (2000, p.88), esta abordagem “*trata das aprendizagens significativas, espontâneas e exploratórias da criança e de suas relações interpessoais*”

2.3 ENSINO MÉDIO: SUJEITOS E SUAS DECISÕES

Para que possamos entender o funcionamento do ensino médio noturno, buscando compreender seu real significado e função, é importante conhecer o sujeito

que pertence a este nível de ensino. Confesso que tive dificuldades em nomear e definir esse sujeito pertencente ao ensino médio, é adolescente? É jovem? Ou juventudes, como muitos autores preferem.

Para que possamos compreender realmente quem é esse sujeito que frequenta o ensino médio, é importante, primeiramente, entendê-lo perante a lei. É a lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente, segundo seu Art. 1º. De acordo com seu Art. 2º, considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até 12 anos de idade incompletos e adolescente, aquela entre 12 e 18 anos de idade. E a lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013, que em seu Art. 1º, institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE). Segundo inciso III, do mesmo artigo, para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos de idade.

Se analisarmos a legislação, o aluno regularmente matriculado no ensino médio deve ter entre 15 e 17 anos de idade, portanto esse aluno deveria ser tratado como adolescente, mas analisando principalmente a atual conjuntura do ensino médio noturno sabemos que a realidade é outra. Hoje o ensino médio noturno se tornou indiretamente um EJA (Educação de Jovens e Adultos), como observado nos dados do Qedu de 2016, sobre a distorção idade-série, temos alunos mais velhos que não se encontram na série referente a sua idade. Recebendo o ensino médio não somente adolescentes, mas também jovens e adultos.

Léon (2009), afirma que os conceitos de adolescência e juventude, mesmo que correspondessem a uma construção social, histórica, cultural e relacional já definida, foram se modificando ao longo dos anos e adquirindo significados diferentes, por meio dos diferentes processos históricos e sociais vivenciados por cada indivíduo. O autor citado por Santos e Baldoíno (2016, p. 2), complementa afirmando que a juventude não é *“um ‘dom’ que se perde com o tempo, mas uma condição social com qualidades específicas que se manifestam de diferentes maneiras segundo as características históricas e sociais de cada indivíduo”*.

Dayrell e Carrano (2014, p.110), afirmam que, “[...] *De uma forma genérica, podemos afirmar que, nesse contexto, a psicologia tende a utilizar a noção de adolescência na perspectiva de uma análise que parte do sujeito particular e de seus processos de transformação*”.

Já as Ciências Sociais, em especial a Sociologia e a Antropologia, tendem a utilizar-se da noção de juventude se centrando nas relações sociais passíveis de serem estabelecidas por sujeitos ou grupos particulares nas formações sociais, no processo de traçar vínculos ou rupturas entre eles (BAJOIT, 2003 *apud* DAYRELL & CARRANO, 2014, p.110).

A juventude e principalmente a adolescência são tratados como um período conturbado, de incertezas, escolhas, responsabilidades e mudanças. A adolescência é um período de transição em que não é mais criança e ainda não é considerado adulto, o descobrimento de um novo corpo, desengonçado, unido a mudanças fisiológicas como a puberdade, se misturam com a transição do ensino fundamental para o ensino médio, a mudança de escola, novas amizades ou a dificuldade de fazê-las, a complexidade dos conteúdos e novas disciplinas. Essa fase é marcada pelas lutas do indivíduo consigo mesmo, pelas contradições de atitudes, de uma definição em face do mundo e da vida. Procura-se a si mesmo. As buscas de sua personalidade, a necessidade de afirmação, levam o adolescente a querer ser diferente dos outros de chamar a atenção, cujas contradições são: a ambição (ou o desejo de ser) e a angústia (ou o medo de não ser). (FONTOURA, 1972)

Esse é o aluno que chega ao ensino médio. Esse período de transição do ensino fundamental para o médio é bastante preocupante, segundo censo escolar 2015⁸, o maior índice de reprovação entre os três anos do ensino médio pertenciam ao 1º ano com 16,6%, seguido do 2º ano com 10,1% e do 3º ano com 5,9%. O maior índice de abandono também pertence ao 1º ano, com 8,8%, seguido também pelo 2º ano com 6,3% e do 3º ano, com 4,6%. Os dados mostram que algo realmente deve ser pensado para esse público.

⁸Censo Escolar 2015, Inep. Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/brasil/taxas-rendimento>> Acesso em: 22 de abril de 2017.

A juventude do ensino médio em geral, mas principalmente o noturno, na sua maioria de classe-média baixa, com suas diversas responsabilidades e dúvidas, o peso muitas vezes de ter que sustentar sua família e ter que conciliar trabalho e escola ou tendo que optar por uma das opções, coloca esse aluno em uma condição desfavorável. Todos esses fatores intraescolares e extraescolares fazem com que o ensino médio seja um nível de ensino extremamente complexo, tendo esses fatores, total influência no desenvolvimento e desempenho do aluno nessa nova fase da vida, sendo também motivos reais para a evasão dos mesmos.

Podem ser utilizados como exemplos de fatores intraescolares currículo, carga horária, sucessivas reprovações e conteúdos desmotivantes, que estão fora da realidade vivida por esses alunos. São exemplos de fatores extraescolares como gravidez precoce, condição socioeconômica desfavorável, trabalho, falta de motivação e políticas de governo.

Meksenas (1998) complementa que o fato de os alunos terem de trabalhar para seu sustento ou da família que influencia significativamente na decisão de abandonar a escola, uma vez que a exaustão da maratona diária e a baixa qualidade do ensino os desmotivam, levando-os a desistirem de completar os estudos. Se para um adulto conciliar trabalho e estudo já é desgastante, imagine para jovens de 14 a 17 anos que ainda estão sendo formados em todos os sentidos. Para o autor, o trabalho diminui muito as oportunidades das camadas populares, pois impedem que os alunos frequentem cursos complementares e de aperfeiçoamento, colocando-os em situação de desvantagem em relação aos alunos da classe dominante.

As dificuldades enfrentadas por esses alunos nesse nível de ensino são as mais variadas como já vimos anteriormente, o fator mais evidente, comentado e discutido é a evasão escolar, com isso Ferreira (2011), elenca, classifica e agrupa os fatores determinantes para a evasão em quatro eixos centrais, mesmo reconhecendo que as causas sejam variadas, são eles:

Escola: não atrativa, autoritária, professores despreparados, insuficiente, ausência de motivação, etc.; Aluno: desinteressado, indisciplinado, com problema de saúde, gravidez, etc.; Pais/responsáveis: não cumprimento do pátrio poder, desinteresse em relação ao destino dos filhos, etc. Social: trabalho com incompatibilidade de horário para os estudos, agressão entre os alunos, violência em relação a gangues, etc. (FERREIRA, 2011 p.02).

Vimos que as barreiras enfrentadas por esses alunos não dizem respeito somente à escola. Almeida (2007)⁹, em entrevista, explica:

O fato de somente 23% dos alunos concluírem o ensino médio na idade adequada não deve ser atribuído unicamente à escola. É preciso que as pessoas não sejam hipócritas ao ponto de achar que a escola pública é a culpada. Há outras questões de caráter social como o fato de muitos alunos terem de parar de estudar para trabalhar e gerar renda para a família.

Para muitos o abandono e a evasão podem ser considerados a mesma coisa, mas para Klein (2008), embora tenham características próximas, os significados de abandono e evasão se diferem. O abandono escolar ocorre quando o aluno com matrícula regular, por algum motivo deixa de frequentar a escola sem nenhum comunicado prévio explicitando a causa. Já a evasão, acontece quando o aluno que esteve matriculado na escola e frequentou as aulas até o último dia letivo, acaba por não renovar seu vínculo para o ano seguinte, independente das suas condições, tendo passado ou não de ano.

Ou seja, o aluno evadido nem sempre é o aluno dito desinteressado, muitas vezes o aluno deixa de frequentar a escola não por desinteresse e sim, pela sua condição desfavorável, analisando a fala do autor citado, acredito que muitos alunos com bom rendimento escolar acabam evadindo pelos diversos fatores supracitados anteriormente que acabam interrompendo a vida escolar desses alunos.

Essa é a realidade do aluno que chega, procura manter-se no ensino médio e nem sempre o conclui. Agora que compreendemos minimamente quem é o sujeito pertencente ao ensino médio, veremos o que a legislação tem a oferecer para esse aluno.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional explicita que o Ensino Médio é a “etapa final da educação básica” (Art. 36), o que concorre para a construção de sua identidade. O Ensino Médio passa a ter a característica da terminalidade, o que significa assegurar a todos os cidadãos a oportunidade de consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental; aprimorar o educando como pessoa

⁹ Entrevista para o site Aprendiz. Disponível em: <oglobo.globo.com/educacao/mat/2007/04/03/295204347.asp> - 46k> Acesso em: 15 de Junho de 2017.

humana; possibilitar o prosseguimento de estudos; garantir a preparação básica para o trabalho e a cidadania; dotar o educando dos instrumentos que o permitam “continuar aprendendo”, tendo em vista o desenvolvimento da compreensão dos “fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos”. (Art. 35, incisos I a IV)

Como já comentado anteriormente, a educação brasileira passa por uma nova reforma referente à educação básica, que traz mudanças significativas, principalmente, no currículo do ensino médio. De acordo com o novo currículo, no Art. 3º a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 35-A, em seus incisos:

7º - Os currículos do ensino médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e sócio emocionais.

8º - Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação processual e formativa serão organizados nas redes de ensino por meio de atividades teóricas e práticas, provas orais e escritas, seminários, projetos e atividades on-line, de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre: I - domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna; II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem”. (BRASIL, 2017)

Continuando, no Art. 4º, onde o art. 36 da Lei de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações:

O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber: I - linguagens e suas tecnologias; II - matemática e suas tecnologias; III - ciências da natureza e suas tecnologias; IV - ciências humanas e sociais aplicadas; V - formação técnica e profissional. (BRASIL, 2017)

Um fato novo do novo currículo é o item V do artigo 4º apresentado, que é a inclusão da formação técnica e profissional, que de acordo com o Art. 3º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 35-A, em seu inciso VI:

A critério dos sistemas de ensino, a oferta de formação com ênfase técnica e profissional considerará: I - a inclusão de vivências práticas de trabalho no setor produtivo ou em ambientes de simulação, estabelecendo parcerias e fazendo uso, quando aplicável, de instrumentos estabelecidos pela legislação sobre aprendizagem profissional; II - a possibilidade de concessão de certificados intermediários de qualificação para o trabalho, quando a

formação for estruturada e organizada em etapas com terminalidade. (BRASIL, 2017)

O Ensino Médio, portanto, é a etapa final de uma educação de caráter geral, afinada com a contemporaneidade, com a construção de competências básicas, que situem o educando como sujeito produtor de conhecimento e participante do mundo do trabalho, e com o desenvolvimento da pessoa, como “sujeito em situação”, cidadão. Na perspectiva da nova Lei, o Ensino Médio, como parte da educação escolar, “deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social” (Art.1º inciso 2º da Lei nº 9.394/96). Essa vinculação é orgânica e deve contaminar toda a prática educativa escolar. (BRASIL, 2001)

Essa deveria ser a função do ensino médio, mas será mesmo que tudo isso está sendo seguido? O ensino médio sempre esteve envolvido em diversas discussões sobre qual deve ser a sua função, tanto se discute se realmente esse nível de ensino tem uma identidade. Acredito que essa identidade há muito tempo seja dualista, pois se tem um viés profissionalizante ou para uma formação geral, mais cidadã ou uma preparação para universidade. O ensino médio passa por diversas reformas em sua organização, a mais atual seria a obrigatoriedade e não obrigatoriedade de determinadas disciplinas, julgando assim, que determinadas disciplinas são mais ou menos importantes para a formação do aluno, esse é um dos inúmeros exemplos das tensões que fazem parte desse nível de ensino.

Como este trabalho tem como objetivo analisar via ponto de vista dos professores como se dá a educação física no ensino médio, não irei me prender a questões gerais, não retirando a importância dessa discussão mais ampla, mas o foco é a disciplina de educação física e qual deveria ser a sua função, principalmente, no ensino médio noturno.

A LDB em toda a história do Brasil passou por mudanças, mudanças essas, que também diziam respeito ao desenvolvimento da educação física na escola. Em sua primeira versão, no ano de 1961, a educação física já era obrigatória nos graus primário e médio. Até os 18 anos de idade, a intenção nesta época era a preparação dos jovens para o mercado de trabalho.

A segunda versão foi no ano de 1971, onde ocorre uma reforma educacional, surgindo à facultatividade da educação física. As mudanças fizeram com que a educação física se tornasse obrigatória em todos os níveis da educação, exceto aos alunos que estudassem à noite e trabalhassem mais de 6 horas diárias, tivessem mais de 30 anos de idade, estivessem prestando serviço militar ou se estivessem fisicamente incapacitados. (CASTELLANI FILHO, 1994)

É importante ressaltar que tivemos mais uma reformulação da LDB, que resultou na atual LDB/96, com mudanças significativas para a educação brasileira, mas que não avançou na questão da facultatividade da educação física principalmente no período noturno que persiste e desqualifica a disciplina até hoje.

A educação física se torna componente curricular a partir da Lei 9.394/96, oportunizando diversas mudanças de ordem didática, dando mais autonomia às escolas, priorizando a formação do cidadão.

Os critérios adotados para delimitar quem pode optar por não fazer Educação Física no ensino noturno são bem interessantes, pois trazem consigo uma série de representações associadas à Educação Física: atividades físicas (Quais? Esporte? Brincadeiras?) Que podem não ser apropriadas aos trabalhadores (supõe que eles já fazem muita atividade no trabalho?), a pessoas de certa idade (qual é a idade apropriada para fazer atividade física?), aos que já tiveram filhos (Se cansam muito cuidando dos filhos?). (PEREIRA & MAZZOTTI, 2007, p.2)

De acordo com os autores citados acima a facultatividade da educação física no período noturno tem extrema relação com o conteúdo proposto pela disciplina e concorda-se com os autores, buscando interpretar a lei vigente, dá-se a entender que os alunos que trabalham e tem filhos são expostos a conteúdos desgastantes e de alta intensidade e que os prejudicam em seus compromissos fora da escola, ou seja, para esses alunos a educação física se torna dispensável, sem importância e que não traz nenhum benefício a esses alunos.

Entende-se que a facultatividade dos alunos e sua relação com os conteúdos é desconexa, pois há um desconhecimento da cultura corporal como prática pedagógica da educação física, entendendo a disciplina apenas como prática. De acordo com Daólio (1995), a cultura corporal pode ser considerada como uma parcela da cultura geral, que trata de conhecimentos acerca do corpo e do movimento humano, produzidos e

acumulados historicamente. Há uma gama de conhecimentos materiais e imateriais que dizem respeito à cultura corporal e que podem ser compartilhados das mais diversas formas, que surgem a partir de cinco eixos norteadores: o jogo, a dança, o esporte, a ginástica e a luta.

É esse tipo de conteúdo que deveria fazer parte das vivências propostas nas aulas de educação física, ampliando não só o repertório motor desses alunos, mas principalmente garantindo a socialização e democratização desses conhecimentos sobre a realidade envolvendo a Cultura Corporal. O que nem sempre acontece, principalmente por conta da postura de muitos profissionais. Darido (2005), afirma que muitos profissionais ainda seguem a concepção recreacionista buscando a participação de todos ativamente, colocando o professor na posição de figura de apoio que apenas acata as sugestões dos alunos quanto às quais atividades serão aplicadas nas suas aulas. E essa concepção recreacionista vai muito de encontro com o que já foi falado anteriormente, alunos trabalhadores que chegam já cansados à aula e que não utilizam da dispensa acabam sendo inseridos nessa concepção, de aulas mais “livres” e práticas, evitando futuros desgastes por conta de aulas teóricas.

A incidência do esporte nas aulas de educação física também chama atenção, muita pela relação que o mesmo tem com a concepção recreacionista comentada anteriormente, a prática da modalidade ainda é feita simplesmente por fazer, com pouco ou nenhum embasamento teórico e que deixa a prática vazia e sem nenhum ganho por parte do aluno. O esporte que os alunos “falam” lembra o modelo olímpico, processado pela mídia e reproduzido pela prática pedagógica da professora, o que contraria as possibilidades de “[...] *compreensão crítica das diferentes formas da encenação esportiva, os seus problemas vinculados ao contexto sociopolítico.* ” (KUNZ, 2004, p. 73)

Se na LDB/96 tínhamos a discussão sobre a obrigatoriedade da educação física no ensino médio noturno, na nova lei (13.415/17) temos a mesma obrigatoriedade no currículo. Mesmo com a sua obrigatoriedade afirmada, a educação física ainda tem motivos para se preocupar, um dos motivos para esta preocupação seria o acréscimo do profissional com “notório saber”. Segundo a Lei 13.415/17 em seu Art. 6º, onde o art.

61 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações:

IV - profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional, atestados por titulação específica ou prática de ensino em unidades educacionais da rede pública ou privada ou das corporações privadas em que tenham atuado, exclusivamente para atender ao inciso V do caput do art. 36; V - profissionais graduados que tenham feito complementação pedagógica, conforme disposto pelo Conselho Nacional de Educação. (BRASIL, 2017)

Como o próprio inciso nos mostra, o profissional com notório saber se caracteriza por ter conhecimento em uma determinada área, sem ter um diploma de curso superior, abrindo brecha, por exemplo, para treinadores de alguma determinada modalidade esportiva, que tiveram experiências também como atletas, em alguns casos, tendo assim, conhecimentos didático-pedagógicos limitados, o que os distanciam de um licenciado. Esse tipo de profissional poderá reforçar novamente uma educação física já tão criticada, esportivizada, sem nenhum viés crítico e formativo. A educação física estaria voltada apenas para o ensino da técnica de determinadas modalidades esportivas. Esses profissionais atuariam somente em escolas que atendam ao já citado inciso V do Art. 36, que acrescenta a formação técnica e profissional, também citada.

Analisando então, tudo o que foi discutido sobre o ensino médio, foi visto que a disciplina de educação física ainda não está sendo oferecida da melhor forma possível. Tendo a educação física papel importante na formação dos alunos, estando presente no currículo escolar, é necessário que a mesma seja ofertada de forma satisfatória pela escola, principalmente pelo professor, independente do turno em que o aluno está matriculado, seja matutino, vespertino ou noturno. Sendo a escola um espaço preocupado com a construção de um cidadão crítico e conhecedor das inúmeras “culturas” presentes em nossa sociedade, não faz sentido ofertar uma disciplina com diferenciação entre os turnos oferecidos. (MAIA; LIMA, 2010)

Maia e Lima (2010) complementam, afirmando que a disciplina de educação física, fazendo parte do universo escolar, deve ser oferecida a todos, sem distinção, da melhor forma possível, contribuindo para o desenvolvimento na totalidade humana – nas suas dimensões motoras, afetivas, cognitivas e sociais.

Buscando uma saída para tão discutida educação bancária que deposita o conhecimento e que está tão presente em nossa educação, fazer também com que a educação física deixe de fazer parte desse modelo tradicional conservador e desenvolva métodos que influenciem na criticidade de seus alunos.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, que objetiva descrever e compreender fenômenos que surgem do interesse de pesquisa, que conforme Dantas e Cavalcante (2006) possibilita que o pesquisador tenha uma maior flexibilidade na sua interpretação, ao ponto em que os sujeitos pesquisados podem explicar suas ideias de maneira espontânea, desta forma o pesquisador e sujeito estão abertos a interpretações modificando o instrumento de análise em todo momento.

Minayo (2001) coloca que a pesquisa qualitativa busca responder a questões particulares, recorrentes nas ciências sociais, que busca descrever e compreender um fenômeno, então:

ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.(p. 21-22)

Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001, p. 14).

Desta forma entendemos que esta pesquisa sendo de natureza aplicada, deva ser voltada para a busca da solução de problemas específicos, que envolve verdade e interesses locais (GERHARDT & SILVEIRA, 2009). A pesquisa é classificada como exploratório/descritiva, ao entendermos exploratório como uma pesquisa que faz aproximação como o campo de estudo, buscando a realidade através de levantamento bibliográfico, entrevistas e análise do que foi encontrado e construído (SELLTIZ *et al.*, 1967, p. 63, *apud* Gil, 2002). É também descritiva por propor além da exploração do material, a descrição de fatos e fenômenos da realidade escolar (TRIVIÑOS, 1987).

Para esta pesquisa utilizamos como instrumento de coleta a entrevista semiestruturada que conforme Triviños (1987, p. 146), tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao

tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes.

Com esses procedimentos metodológicos em foco, buscamos no município de Palhoça uma escola com grande representatividade na formação dos adolescentes no ensino médio, e que possui o ensino médio noturno em sua grade de horário, e tem como sujeitos desta pesquisa quatro docentes de educação física do ensino médio noturno.

Os professores foram convidados para participar da pesquisa, após o aceite foi agendado um dia que tivessem disponibilidade para realização da entrevista, esta que foi transcrita para que pudéssemos ter uma melhor visualização dos dados coletados. Os professores foram entrevistados em seu momento de trabalho.

Para compreensão nos embasamos na Análise de Conteúdos de Bardin (2009), que é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam obter, por “procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens”. Esse procedimento de análise divide-se em três momentos: I) Pré-análise, II) Exploração do Material e III) Tratamento dos dados coletados.

4. APRESENTAÇÃO DA DISCUSSÃO

4.1 APRESENTAÇÃO DO CAMPO

A presente pesquisa desenvolveu-se em uma escola pública estadual, situada no centro do município de Palhoça e que atende somente alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio, nos períodos matutino, vespertino e noturno. Segundo os professores de educação física, a escola é um polo do ensino médio no município, atendendo alunos de todos os bairros.

A escola passa por um período de reforma que dura um longo período. Estão sendo reformadas as quadras externas e também está sendo construído um ginásio poliesportivo, a previsão para inauguração ainda não é certa, o que sabemos é que a reforma está tendo total influência no desenvolvimento das aulas de educação física da escola.

4.2 APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Participaram desta pesquisa 4 (quatro) professores que atuam no Ensino médio noturno e também no período diurno. São dois professores e duas professoras, sendo os dois professores efetivos e as duas professoras ACT's. As duas professoras por serem ACT's, dividem sua carga horária em outras escolas.

O primeiro professor entrevistado é formado pelo centro de ciência da saúde e do esporte (CEFID) da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) em 1991, tendo assim, 23 anos de formação e atuação. Possui pós-graduação em nível de especialização, em educação física escolar pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O professor é efetivo na escola e tem carga horária máxima de 40 horas semanais, atua somente na escola campo da pesquisa e é tutor em uma faculdade de educação física EAD (ensino à distância).

A segunda professora entrevistada é formada pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) em 2008, tendo assim, 8 anos de formação e atuação. Possui pós-graduação em nível de especialização em interdisciplinaridade na educação. A professora é ACT e atua somente uma noite na escola, dando quatro aulas. Por ser ACT,

a maior parte da sua carga horária é feita em outra escola. É seu primeiro ano na escola e está há poucos meses.

Os dois últimos professores entrevistados foram entrevistados juntos. A professora é formada pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), em 2015, tendo 2 anos de formada e de atuação 7. Possui pós-graduação em nível de especialização em Neuropsicopedagogia. A professora atua apenas 20 horas na escola, por ser ACT e completa sua carga horária de 40 horas em outra escola.

Já o professor, é formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1998, tendo 18 anos de formação e atuação. Possui pós-graduação em nível de especialização em fisiologia do exercício. O professor tem carga horária máxima na escola de 40 horas semanais. Atua somente na escola.

4.3 EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

A partir das entrevistas, definimos alguns assuntos que tiveram maior importância nas falas dos professores, sendo esses: I-metodologia de ensino e conteúdo, II - evasão escolar, III - dispensas e motivação e participação nas aulas, e IV- como a educação física é vista dentro da escola.

I - METODOLOGIA DE ENSINO E CONTEÚDOS

Quando questionados sobre a metodologia de ensino que utilizam, os professores não demonstraram ter algo definido, ambos veem a disciplina de uma forma recreacionista, pensando no aluno que chega cansado à escola, pois trabalhou durante o dia, que passa quase à noite inteira sentado e vê nas aulas de educação física um momento de descontração e de certa forma uma fuga.

Analisando a fala dos professores, seus discursos não dizem respeito a sua prática, o professor 1, apoia-se a sua formação tecnicista ao dizer que durante muito tempo utilizou dessa abordagem, mas que hoje não a utiliza mais. Ele acaba se contradizendo, pois acaba reproduzindo ainda o modelo de aulas tradicionais com foco

no esporte como há muitos anos se faz e acaba usando como desculpa a falta de espaço para prática de conteúdos que fogem das modalidades esportivas. Sobre os conteúdos propostos, *“quando a escola te possibilita trabalhar com todos os conteúdos, trabalhamos os conteúdos normais da EF, os desportos, a dança, principalmente em época de festa junina, lutas é muito difícil pela falta de conhecimento, mas de forma mais aprofundada os desportos coletivos, tênis de mesa e xadrez, que são os mais básicos”*. Pensa na educação física como recreação, isso fica claro em uma de suas falas, *“é importante perceber o cansaço deles, é nas aulas de EF que eles conseguem dar uma desestressada, por isso deve-se pensar em conteúdos mais flexíveis, sem tanta profundidade, pois a questão do trabalho influencia muito. Então quando esses alunos chegam nas aulas querendo jogar um futebol, um voleibol, um tênis de mesa, eu deixo”*.

A professora 2, em sua fala diz ser bem *“ecclética”* e que não possui uma metodologia específica. Para o ensino médio pensa em algo mais *“aberto”*. Como a metodologia está ligada aos conteúdos, também vê a disciplina como recreação e também traz o discurso do aluno que trabalha e que chega cansado à escola e precisa relaxar, *“no ensino noturno não tem como pegar pesado, tem que ser bem light, por causa da carga horária deles, a maioria trabalha, cerca de 95% trabalha, tem que ser mesmo uma recreação”*. O que a professora pensa para seus alunos é também a prática dos esportes coletivos. Durante a entrevista percebemos na fala da professora a preferência por outros níveis de ensino, *“é difícil mexer com adolescentes, prefiro os pequenos, minha preferência são os anos iniciais”*.

Os professores 3 e 4 seguem a mesma linha. A professora 3 pensa como metodologia para o ensino médio as aulas abertas, crítico-emancipatória, dando liberdade para os alunos opinarem nas aulas, e um pouco de Nahas, algo relacionado a saúde e qualidade de vida. A mesma traz em seu discurso a importância da parte teórica sobre a questão dos benefícios da atividade física, mas também acaba esbarrando na prática que também se limita ao ensino dos esportes coletivos. A professora comenta que, *“na prática eu trabalharia mais esporte com o noturno, mas em outras escolas de dia que eu trabalhava eu fazia treinamento funcional, eu saía, fazia caminhada, de dia dá pra fazer atividades diferentes, mas a noite eles chegam cansados, imagina o cara trabalhar o dia inteiro e vir pra cá fazer treinamento funcional, mas eu explicava, na*

medida do possível eu tento trabalhar a questão das valências físicas, qualidade de vida, mesmo que não esteja sendo aplicada, pra que eles tenham um pouco mais de conhecimento”. Nota-se um comportamento diferenciado por parte da professora em relação aos turnos de ensino, no diurno existe muitas possibilidades.

O professor 4, teve um pouco de dificuldade em definir uma metodologia ou concepção que utiliza nas aulas, pareceu não conhecer muito, mas o mesmo respondeu, *“a gente tenta fazer com que o aluno seja protagonista, é importante dar liberdade para o aluno, fazer ele correr atrás”*. O mesmo pensa, assim como as professoras 2 e 3, em algo mais “aberto” para esses alunos e também vê na prática dos esportes coletivos a melhor opção para esse nível de ensino. *“Com certeza vôleibol, futsal, basquete e o handebol, que são os básicos da EF, durante o dia faço umas caminhadas, outros tipos de atividades fora da escola, nas aulas teóricas, sempre gosto de trabalhar a importância da atividade física para saúde”*. Nota-se também na fala do professor uma diferenciação no comportamento referente aos turnos de ensino.

Analisando a fala dos professores, fica clara a utilização de abordagens voltadas aos modelos recreacionistas e esportivizados nas aulas de educação física, com influências tecnicistas, que utilizam a prática esportiva como tema central e imutável das aulas de educação física, visando uma melhora na condição física dos alunos.

Vejo que a abordagem tecnicista no caso desses professores não é voltada a exigências e a eficácia técnica, mas que de modo geral prioriza a esportivização nas aulas. A questão do modelo recreacionista vai de encontro com o que Darido (2005) afirma,

muitos profissionais ainda seguem a concepção recreacionista buscando a participação de todos ativamente, colocando o professor na posição de figura de apoio que apenas acata as sugestões dos alunos quanto às quais atividades serão aplicadas nas suas aulas.

É o que parece acontecer nas aulas desses professores, pois ambos citam as modalidades esportivas como primordiais nas aulas. Isto ocorre, segundo o Coletivo de Autores (1992, p. 54), devido *“a subordinação da educação física aos códigos/sentidos da instituição esportiva (...) que, determina o conteúdo de ensino da Educação Física”*. E que reflete na atuação dos professores, limitando muitas vezes os conteúdos a serem propostos nas aulas.

Outra abordagem presente no discurso dos professores e que foi citada por uma das professoras é a abordagem da aptidão física, que de modo geral seria falar sobre a importância e dos benefícios da atividade física para saúde e qualidade de vida desses alunos. Essa abordagem está presente na fala dos professores 3 e 4 que citam como objetivo das aulas a prática da atividade física e a teoria sobre os benefícios e importância. A principal ferramenta utilizada nas aulas para alcançar esses objetivos são as modalidades esportivas.

O discurso dos professores traz consigo uma visão ainda biologicista e higienista da educação física, tendo na atividade física o principal eixo para uma vida saudável. Deixando de lado o compartilhamento de conhecimentos que contemplem as histórias que esses alunos trazem consigo e que auxiliam no pensar crítico, principalmente sobre os conteúdos presentes nas aulas de educação física. Vemos uma prática já ultrapassada, analisando o quanto à educação física em geral avançou enquanto área do conhecimento científico.

De acordo com Carbonell (2002), tanto os conteúdos quanto as práticas escolares mudaram pouco, sendo que essas mudanças não significam necessariamente melhoras. E complementa:

Ensinar adquire novos significados para relacionar-se com as novas tecnologias da comunicação, para ler e entender melhor a realidade e para assimilar, ao mesmo tempo, a rica tradição cultural herdada e muitas outras expressões culturais emergentes e mutáveis que, diga-se de passagem, continuam em boa medida ausentes da cultura oficial escolar. (CARBONELL, 2002, p. 16)

No discurso dos professores observa-se a estrita relação dos conteúdos da educação física com o espaço físico e os materiais que a escola disponibiliza e como muitas vezes os professores se veem “perdidos” quando não se tem um espaço adequado para a prática e como as aulas teóricas quase sempre são a última opção, que é o que está acontecendo no momento, com a reforma das quadras, as aulas de educação física estão se resumindo a prática do tênis de mesa.

Como se pode criticar a prática desses professores, se nem a espaço e material adequado eles têm acesso, para uma aula em seu funcionamento normal. Segundo Dayrell (2007):

O espaço físico e a infra-estrutura escolar, com o tipo e a qualidade dos equipamentos oferecidos; a sua localização geográfica, se em áreas centrais da cidade ou no bairro onde mora; o corpo docente existente, com maior ou menor sensibilidade e formação para trabalhar com cada clientela; o projeto-pedagógico existente e a forma como implementam os processos educativos, dentre outros, são exemplo de variáveis que vão interferir na forma como os jovens constroem o seu estatuto como alunos, criando maior ou menor identificação com a escola que frequentam e determinando o seu percurso escolar. (DAYRELL, 2007, 117)

II - EVASÃO ESCOLAR

A evasão escolar para Queiroz (2011. p. 02), “não é um problema restrito apenas a algumas escolas, mas é uma questão nacional que vem ocupando relevante papel nas discussões e pesquisas educacionais no cenário brasileiro.”

Sobre essa temática, o professor 1, quando questionado, disse não conhecer muito a realidade desses alunos, sabe que são trabalhadores e de classe média-baixa. A evasão para o professor é algo muito frequente no ensino noturno. *“Os alunos entram na escola e logo saem, voltam novamente e mais uma vez saem, isso preocupa bastante”*. Questionado sobre a relação trabalho x escola, não vê como motivo de evasão, pois segundo ele, *“os alunos que estão nessa condição são muito raros, aquele guri novo que já trabalha, já tem a consciência que precisa estudar para melhorar sua condição financeira, sua condição social. Os que mais se evadem são realmente os que não querem estudar, que querem ficar na rua, que querem fazer outro tipo de atividade que não é legal. Esses que trabalham arrumam um jeito de estudar, se trabalha a noite, estuda de dia, se trabalha de dia, estuda a noite”*.

A professora 2, diz não conhecer também a realidade desses alunos, disse também que são alunos trabalhadores e de classe média-baixa, mas por ser ACT e ficar somente uma noite na escola, acaba não criando um vínculo mais próximo com os alunos, em relação a evasão, a professora conta que em outras experiências com o ensino médio, os alunos evadiam pela condição financeira que os obrigava a optar pelo trabalho ao invés da escola.

A professora 3 alega saber o que os alunos contam e complementa, *“é meu primeiro ano aqui, então não sei muito, mas em outras escolas, não haviam muito casos de evasão. Mas aqui, tem um aluno que apareceu e que eu nunca tinha visto pedindo*

declaração para conseguir o jovem aprendiz, mas para conseguir o emprego eles precisam estar estudando, então eles vem para a escola só pela declaração, eles se matriculam, conseguem o emprego e não vem mais (...)”.

O professor 4, alega saber bem pouco. O que sabe é que “(...) *alguns trabalham de dia e estudam à noite, alguns estão matriculados porque precisam da declaração para entregar no trabalho, alunos esses, que aparecem de 15 em 15 dias só para incomodar*”, comenta o professor. Em relação à evasão, o mesmo também comenta que na escola é muito frequente, “(...) *nosso maior problema aqui na escola, no ensino médio noturno é a evasão escolar, no ano passado teve bastante desistência, muita mesmo, final do ano turmas de 10, 15 alunos e acontece muito de eles desistirem num ano e no outro voltarem, existem casos, vi isso acontecer 2, 3 anos. Começam e desistem, retornam e desistem e, retornam e desistem novamente*”.

Como já foi comentado, dois dos quatro professores entrevistados são ACT's. Esse é outro fator que também pode e parece ter influência no desenvolvimento da disciplina, sabendo que esses professores dividem sua carga horária em mais de uma escola e que em muitas vezes acabam pegando turmas no meio do ano letivo, podendo ter problemas com a continuação dos conteúdos e com a implementação de uma metodologia diferente da utilizada pelos professores anteriores.

Sobre a evasão escolar, o que sabem os professores muitas vezes é superficial, apresentando certo desconhecimento em relação à realidade de seus alunos, o que pode ser justificado pela pouca proximidade com os alunos, consequência do pouco tempo de convívio semanal.

Quando não se tem essa aproximação com o aluno, conhecendo-o pouco, fica mais difícil de perceber o que ele precisa, quais são suas necessidades enquanto estudante. Sem isso, as aulas acabam sendo reproduzidas a partir do que o professor entende ser o melhor para os alunos, sem diálogo. Essa é uma crítica que deve ser feita aos docentes, um trabalho de pesquisa mais aprofundada sobre os alunos e seus contextos, pode servir também como ferramenta para futuras discussões acerca de possíveis temas encontrados e que podem ir de encontro com conteúdos que fazem parte da educação física.

É importante ressaltar que a crítica referente ao modelo de educação que nos é ofertada não deve ser direcionada somente aos professores, mas também aos nossos governantes que sem conhecer minimamente a realidade escolar de nosso país e muitas vezes sem consultar quem está inserido nesse contexto, desenvolvem leis que sucateiam cada vez mais nossa educação, principalmente quando se diz respeito aos nossos docentes, que lecionam em condições de trabalho não favoráveis, governantes esses que não dão suporte para que as escolas sejam uma referência para esses alunos e que dê a eles, condições para que os mesmos se tornem cidadãos autônomos e críticos capazes de transformar para que tenhamos uma sociedade com menos desigualdades.

Na condição que se encontram milhares de escolas hoje, com diversos problemas relacionados à estrutura, corpo docente, alimentação, transporte, entre outros, fazem com que a escola se torne cada vez mais um espaço de desmotivação e desinteresse.

A melhora nas condições para que tenhamos uma educação de qualidade, esbarra na falta de políticas públicas que compreendam a realidade e as necessidades de cada escola e dos sujeitos que a integram. Se não temos isso, a escola acaba por continuar reproduzindo as desigualdades nela já existentes. Ou seja, “se a escola não oferece o que a juventude busca, seria razoável esperar certa perda de interesse” (BARROS *et al.* 2008, p.155). Essa pode ser uma das explicações pelas quais os alunos acabam por abandonar a escola e optando pelo trabalho, que para eles se torna algo muito mais vantajoso, pois a escola para muitos acaba não fazendo sentido.

III –DISPENSA, MOTIVAÇÃO E PARTICIPAÇÃO NAS AULAS

A educação física carregou durante muitos anos uma identidade higienista, de culto ao corpo, com objetivos voltados a aquisição da aptidão física, utilizando do esporte como principal ferramenta para alcançar tais objetivos.

Hoje, como já comentado, existem diversas concepções, tendências e abordagens que buscam romper com esse modelo mecanicista, esportivizado e conservador (BRASIL, 1997). Esse movimento visa considerar o sujeito não mais só

como corpo reprodutor e oprimido pelas elites, mas também que pensa, critica e transforma a sua realidade, valorizando o contexto sociocultural do educando.

Mesmo com essas mudanças, a legislação referente à dispensa das aulas faz alusão a uma disciplina com características práticas e desgastantes, que não agregam em nada na formação desses alunos.

Em relação às dispensas das aulas para alunos que trabalham à cima de 6 horas diárias, prestem serviço militar, tenham prole e tenham mais de 30 anos, acredito que todos os professores tiveram as respostas muito próximas, que os alunos da escola, mesmo tendo que trabalhar durante o dia, não utilizam deste “benefício”.

O professor 1 alega não ter casos de dispensa, como já foi falado, os alunos preferem praticar do que ficar em casa ou só observando as aulas, a participação e motivação atinge a maioria dos alunos, poucos usam da desculpa de estarem cansados.

A professora 2 fala que os alunos não pedem dispensa e corrobora com a fala do professor 1. Ela afirma que eles gostam de fazer, não são obrigados, mas fazem, *“é muito difícil alguém chegar até nós, alegando que trabalha, que tem filho, que está cansado, os que dizem estar cansados a gente dá jogos de tabuleiro, para não deixar de fazer nada”*. *“Em relação à participação e motivação, os alunos do diurno são mais motivados, mas segundo ela, depende da escola, os alunos da escola campo da pesquisa, os alunos são muito motivados, tanto no diurno quanto no noturno”*.

O professor 4 afirmou que os seus alunos também não pedem dispensa. O professor tem um aluno que presta serviço militar que não vem muitas vezes porque passa a maior parte do tempo no exército, mas quando vem participa.

Em relação à motivação e participação dos alunos, o professor alega que esse fator tem total relação com o espaço físico e material, se a escola não possui espaço adequado e materiais inapropriados a motivação será baixa, tendo um bom espaço físico e material de qualidade a motivação será outra.

Essa afirmação acaba trazendo uma visão limitada acerca do conhecimento que trata a educação física escolar (cultura corporal), que acaba reforçando e reproduzindo um modelo esportivizado de educação física, que necessita de espaços e materiais

(quadra/ginásio e bolas) específicos para sua realização, o que acaba reduzindo as possibilidades pedagógicas, muito por conta da falta de quadra e material em muitas escolas. Devemos ressaltar que o conhecimento que trata a educação física não se restringe somente ao esporte, mesmo este sendo protagonista em muitas das aulas.

O jogo, a dança, a ginástica, as lutas, a capoeira e os esportes de aventura, são elementos que também fazem parte da cultura corporal de movimento e que também devem fazer parte das aulas de educação física, e que não necessariamente precisam de um espaço específico para sua prática.

É importante ressaltar a importância da utilização de outros espaços como alternativas viáveis à falta da quadra e de materiais, estejam eles integrados à escola ou não, como a sala de aula, o pátio, parques, clubes e praias, ampliando as vivências corporais desses alunos e os seus conhecimentos acerca da disciplina.

A professora 3, afirmou que perante a lei eles sabem que não precisam participar, mas eles gostam e querem participar. A professora também tem uma aluna mais velha de 31 anos e que participa das aulas, alegando gostar de estar no meio dos mais novos. A professora possui alguns alunos que jogam nas categorias de base de um clube da região e segundo ela, *“alguns não praticam, pois correm o risco de se machucar e os mesmos possuem contrato com o clube, outros estão de atestado, pois se lesionaram, mas de modo geral todos participam”*. Em relação às dispensas, percebe-se que o fato dos alunos trabalharem não influencia na participação nas aulas de educação física, mesmo tendo a facultatividade prevista em lei, os alunos optam por participar das aulas, deixando claro, que pelo menos no caso desses alunos, a facultatividade das aulas de educação física no ensino noturno não faz sentido, pois as aulas não expõem os alunos a uma prática exaustiva e de alta intensidade, que vá interferir negativamente no desempenho desses alunos nas atividades fora da escola.

Esse fato só reafirma que a educação física, assim, como os outros componentes curriculares, só tende a acrescentar aos conhecimentos do aluno, principalmente, no que diz respeito à cultura corporal de movimento. Reforço que fatores externos influenciam mais negativamente a prática da educação física do que ao contrário, segundo a legislação.

A outra categoria diz respeito à motivação e participação dos alunos. A motivação dos alunos nas aulas de educação física é influenciada por diversos fatores, os conteúdos e, espaço físico e material adequado, são exemplos. Quando não se tem isso, em muitos casos a desmotivação se torna certa. Segundo Reinheimer (2008, p. 32) a motivação:

É entendida como um fator psicológico ou como um conjunto de fatores do momento, da pessoa que está no comando, ela não é da mesma intensidade em todas as pessoas, os interesses são diferenciados. O professor deve buscar conteúdos motivadores para seus alunos interagir e participar das aulas.

Analisando a fala dos professores, o fato da maioria dos alunos terem jornada dupla, trabalharem e estudarem, terem filhos, 30 anos ou mais, ou prestar serviço militar, não interfere nem um pouco na motivação e participação dos alunos nas aulas, até porque a educação física é vista por muitos alunos, segundo afirma o professor 4, como uma disciplina para sair de sala, ou seja, a educação física nesses casos é desejada por não ser realizada fora de quatro paredes. Ou seja, a educação física, por ser considerada uma disciplina prática, acaba pagando por um modelo de escola conservadora e tradicional, que acaba por desmotivar uma grande parcela de seus alunos, por consequência, a educação física acaba se tornando uma fuga e um momento de relaxamento e descontração para esses alunos, onde não se tem muitas exigências como a sala de aula.

IV – EDUCAÇÃO FÍSICA DENTRO DA ESCOLA

Quando questionados sobre como a Educação Física é vista dentro da escola, o professor 1, vê a disciplina como necessária, que trata de conhecimentos acerca do corpo, movimento, qualidade de vida e benefícios da atividade física. Questionado também se existe uma marginalização da disciplina dentro da instituição por parte de outros profissionais, o professor responde que, *“essa marginalização ou a questão da Educação Física desnecessária não parte dos alunos e nem dos próprios professores de Educação Física, parte principalmente dos professores das outras disciplinas, não vejo como discriminação, vejo como ciúme, pelo fato dos alunos adorarem as aulas de Educação Física, quando o professor falta eles ficam chateados porque não querem ficar na sala”*, o professor complementa dizendo que *“os professores da disciplina tem*

uma relação mais próxima com os alunos por trabalharem com as questões do corpo”. É observado na fala do professor que os professores de educação física têm uma relação mais próxima com os alunos, mas pouco sabem sobre seus eles, muito menos os motivos que levam os alunos a evadirem.

O professor 4, respondeu que *“os alunos querem sair da sala, é o número um, até quem não gosta de atividade física, gosta para sair da sala”*, Em relação aos funcionários o professor comenta que *“por parte dos professores de outras disciplinas sempre tem uma piadinha, uma brincadeirinha”*, a professora 3 complementa com um caso que ocorreu com ela, de uma brincadeira feita por outro professor de outra disciplina, que a mesma entendeu como uma forma de desvalorização, mesmo sendo uma brincadeira. Questionados sobre a falta de material, se seria um problema da escola ou do estado, o professor 4 também comenta, *“estamos com falta de material na escola, tem uma desvalorização por parte do estado e da escola também, falta à direção correr atrás”*, a professora complementa, *“sempre trabalhei em escola estadual, o governo repassa a verba, falta à escola correr atrás também”*.

Percebe-se na fala dos professores certo descontentamento com a desvalorização da disciplina por parte da comunidade escolar, em especial, dos professores de outras disciplinas, que ao invés de pensarem em uma construção coletiva dos conhecimentos, fazem com que as disciplinas e os próprios professores se afastem cada vez mais, dificultando cada vez mais o diálogo entre os mesmos e quem acaba perdendo com tudo isso é o aluno.

Cabe ressaltar que a desvalorização da educação física dentro da escola não só diz respeito aos professores de outras disciplinas, os próprios professores de educação física se desvalorizam, ajudando a manter esse quadro. De acordo com Go Tani (1991 *apud* Leandro, 2012),

[...] os professores muitas vezes são considerados, simples executores com baixo reconhecimento profissional, marginalizados pelos próprios colegas de outras disciplinas. Professores de outras disciplinas veem as aulas de Educação Física simplesmente como um descanso para eles próprios e também, para os alunos que ficam dentro da sala de aula por horas. (p. 35)

Para concluir a discussão sobre a questão da desvalorização da disciplina, uma fala de Medina (1996, p. 19-35), *“a educação física ainda sofre em relação a outras disciplinas, entretanto o que mais assusta não é o desprezo e a discriminação em si, mais sim a passividade com que ela aceita o seu condicionamento”*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar e apresentar como os professores de educação físicas entrevistados veem a disciplina no ensino médio noturno, nível esse, que no momento passa por um período de reformulação e que por consequência acaba influenciando nas características da EF como componente curricular escolar, causando assim, um cenário de tensões e debates.

Como já foi comentado, o assunto tem grande relevância para o meio acadêmico por estar em um momento de reformulação, que modifica o currículo do ensino médio, modificando consequentemente, a forma como a educação física será exposta nesse nível de ensino. A falta de esclarecimento e discussões sobre o ensino médio durante nossa formação e a pouca produção acadêmica específica sobre o ensino médio noturno também foram motivos para a elaboração deste trabalho.

Para responder os objetivos desta pesquisa, foi elaborado um roteiro de entrevista para entrevistar os professores. No questionário continham questões relacionadas ao porquê da escolha pelo curso de educação física, metodologias de ensino e conteúdos, bases pedagógicas utilizadas pelos mesmos, sobre características do ensino médio noturno, como: abandono e evasão escolar e a relação trabalho e estudos. Foram questionados também se receberam preparação acadêmica para lidar com este nível de ensino e público investigado no trabalho.

Dentre as respostas obtidas, foram elencadas as temáticas mais relevantes nas falas dos professores, já apresentado no tópico 4 deste trabalho, foram eles: I - Metodologia de ensino e conteúdo, II - Evasão escolar, III - Dispensas, motivação e participação nas aulas e IV - Como a educação física é vista dentro da escola. E foi a partir deles que foi desenvolvida a discussão dos resultados.

A partir da seleção dos tópicos foi constatado que os professores não contêm uma metodologia de ensino definida, o que acaba por refletir em suas atuações e nos conteúdos a serem propostos. Alguns dos professores se dizem ecléticos para justificar a não utilização de alguma concepção pedagógica, dizem utilizar não só uma concepção, dando a entender que os conteúdos seriam diversos, mas acabam se limitando às modalidades esportivas e se apoiam na falta de espaço e período noturno como

limitantes para a experimentação de outros conteúdos que não sejam os citados acima. Os professores veem a educação física no ensino médio noturno como recreação, como descontração para um público que chega cansado à escola, tendo essa recreação uma relação estrita com a prática esportiva.

Em relação à fala dos professores sobre os alunos que chegam cansados à escola, existe certa contradição em suas falas, pois os mesmos afirmam que o fato dos alunos trabalharem no contraturno não influencia na motivação e participação nas aulas, o que resulta em poucas dispensas. Foi detectado na fala dos professores que as dispensas mais frequentes são de alunas com prole em um estágio mais avançado da gestação. Ou seja, mesmo a educação física sendo facultativa no ensino noturno, poucos alunos se utilizam deste direito.

O espaço físico também é citado como um fator que influencia na motivação dos alunos, alguns dos professores afirmam que quando não se tem espaço e material adequado à motivação dos alunos se torna baixa.

A desmotivação no ambiente escolar unido a fatores que estão presentes fora da escola tem total influência na tomada de decisão do aluno em evadir ou abandonar a escola. Como já foi discutido no decorrer deste trabalho, a evasão e abandono escolar fazem parte da educação básica brasileira, no caso do ensino médio, ensino médio noturno mais ainda.

Os professores em relação a essa temática demonstraram certo desconhecimento, consequência do pouco contato com os alunos, resultado do pouco tempo que os professores têm para desenvolver alguma aproximação e diálogo. Como modificar este quadro de evasão, se nem a realidade dos alunos é conhecida pelos professores. Muito do fato de alguns dos professores entrevistados não conhecerem a realidade desses alunos, é por serem ACT's e consequentemente passarem pouco tempo na escola, pois acabam por dividir sua carga horária em mais de uma escola, a rotatividade de professores atrapalha muito nesse processo. Um dos professores diz que os professores de educação física têm uma relação mais próxima com os alunos, mas essa relação não foi vista na hora de responder sobre o conhecimento acerca da realidade de seus alunos.

Percebeu-se certa superficialidade sobre este assunto, por conta dos fatores citados acima.

O último ponto a ser discutido, foi como a educação física é vista dentro da escola, tanto pelos alunos, professores de outras disciplinas e equipe pedagógica. Foi observado na fala dos professores certo descontentamento com os professores de outras disciplinas, que apresentam um posicionamento preconceituoso e de desvalorização em relação à educação física escolar. Em relação aos alunos, os professores afirmam que a educação física é vista com bons olhos pelos alunos na sua maioria, mas que para alguns a mesma é utilizada como um momento para sair (fugir) da sala de aula. Questionados, alguns dos professores afirmaram que a desvalorização vem também do próprio estado, que pouco faz para que tenham materiais de qualidade e espaço físico adequado para um melhor desenvolvimento das aulas.

A partir dos dados obtidos, constatou-se que os professores não tiveram uma preparação para lidar com esse nível de ensino e com esse público. Dos conteúdos que fazem parte da educação física, somente a prática de algumas modalidades esportivas estão sendo oferecidas, sendo utilizada pelos professores como ferramenta para se ter uma melhor qualidade de vida.

Foi detectada na fala dos professores certa dificuldade em planejar aulas e propor conteúdos que não necessitem de espaço físico específico para sua realização, pois mesmo sem as quadras, em reforma, poderiam ser pensadas aulas alternativas em outros ambientes que propiciassem vivências diferentes das já conhecidas práticas esportivas. A forma como os professores veem a educação física também preocupa (recreação), pois existem diversas concepções pedagógicas que podem ser utilizadas no ensino médio, uma das sugestões apresentadas seriam as abordagens críticas – Abordagem da concepção de aulas abertas às experiências, Abordagem da concepção crítico-superadora e crítico-emancipatória -, principalmente a abordagem da concepção de aulas abertas, onde o ensino é orientado no aluno, no processo, na problematização e na comunicação. Dando autonomia aos alunos e pensando em um planejamento coletivo e compartilhado que respondam as necessidades de cada um.

Para finalizar, é importante ressaltar que os objetivos e as perguntas que surgiram ao longo do trabalho foram contempladas com as respostas obtidas nas entrevistas, as falas de certa forma foram bem completas sobre cada assunto discutido o que facilitou no desenvolvimento da discussão dos resultados.

6. REFERÊNCIAS

BALDOÍNO, R. S. SANTOS, C, S. **Juventude: uma categoria histórica e sociocultural**. In: Seminário Pesquisar, 5º, 2016. Aparecida de Goiânia, 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio / Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: Ministério da Educação, 2001.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília : MEC/SEF, 1997

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Cadernos Cedes, Campinas, v. XIX, n. 48, p. 69-88, ago. 1999. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a05.pdf> >. Acesso em: 28 de outubro de 2017.

CARBONELL, J. **A aventura de inovar: A mudança na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2002 (coleção Inovação pedagógica). Cap. 1: A Inovação educativa hoje, p.14-40.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1994.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DANTAS, M.; CAVALCANTE, V. **Pesquisa qualitativa e Pesquisa quantitativa**. Recife, PE: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. (Trabalho de graduação da Disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa).

DAÓLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

DARIDO, S. C. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005

DAYRELL, J. **A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, J. *et al.* (org). **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

FERREIRA, E. B. **Ensino médio no Brasil: os desafios das políticas de garantia do direito a sua universalização**. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 17, n. 34, p. 507-525, set./dez. 2011.

FONTOURA, A. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Aurora. 18. Ed, 1972.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. 4 ed. São Paulo, SP: Scipione, 1994

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **A construção da pesquisa: Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009. p. 43-64. (Educação a Distância, 5)

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Campinas: Papirus, 1997.

GUEDES, D. P., GUEDES, Joana E. R. **Educação Física escolar: uma proposta de promoção da saúde**. APEF, Londrina, v.7, n.14, p.16-23, jan.1993.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. Educação física progressista: a pedagogia crítico social dos conteúdos e a educação física brasileira. São Paulo: Loyola, 1988.

HILDEBRANDT-STRAMANN, R. **Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação Física**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

KLEIN, R. **Seminário. A crise de audiência no ensino médio: A falta de participação dos jovens no ensino médio**. Instituto Unibanco. São Paulo, 2008.

KUNZ, E. **Transformação didáticopedagógica do Esporte**. Ijuí: Unijuí. 1994.

_____. **Transformação didático pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

LE BOULCH, J. **A Educação Psicomotora: A psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

LEANDRO, M. G. **A valorização da disciplina de Educação Física pela comunidade escolar: um estudo de caso em uma Escola da rede municipal de Cocal do Sul - SC**. 75 f. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) – Curso de Educação Física, Universidade do Extremo Sul Catarinense– UNESC. Criciúma, 2012.

LEÓN, O. D. **Uma revisão das categorias de adolescência e juventude**. In: GUIMARÃES, M. T. C.; SOUSA, S. M. G. (Org.). *Juventude e contemporaneidade: desafios e perspectivas*. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, Cãnone Editorial, 2009.

MAIA, M. M. O; LIMA, P.R. **Educação Física no Ensino Médio: uma análise comparativa de aulas nos turnos matutino e noturno**. Artigo Científico, Revista Digital, Buenos Aires, Ano 15, Nº 148, 2010.

MARINHO, I. P. **Educação Física, Recreação, Jogos**. 2ª ed. São Paulo: Cia Brasil, 1971.

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo... e “mente”**. 14. ed. Campinas: Papirus, 1996.

MEKSENAS, P. **Sociologia da educação: Uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001

OLIVEIRA, A. A. B. **Metodologias emergentes no ensino da Educação Física**. Revista da Educação Física / UEM, Maringá, Brasil, v. 1, n. 8, p. 21-27, 1997.

PEREIRA, G.M.S; MAZZOTTI, T.B. **Representações Sociais de Educação Física Por Alunos Trabalhadores do Ensino Noturno**. Artigo Científico, p. 02, 2008.

QUEIROZ, L. D. **Um estudo sobre a evasão escolar: para se pensar na inclusão escolar**. 2011.

REINHEIMER, L. **Análise da prática pedagógica do professor de educação física em uma escola do município de São Leopoldo, a partir da visão dos alunos**. Novo Hamburgo, junho de 2008.

SOARES, C. L. **Imagens da Educação no Corpo: estudo a partir da ginástica Francesa no séc. XIX**. Campinas: Autores Associados, 1998.

SHIGUNOV, V. SHIGUNOV A, N. **A formação profissional e a prática pedagógica: ênfase nos professores de educação física**. Londrina: O Autor, 2001.

TANI, Go. **Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Educação Física no Ensino Médio Noturno: visão dos professores de escolas Públicas Estaduais do Município de Palhoça/SC

Nome do Pesquisador Principal: Vinícius de Oliveira Freitas

Natureza da pesquisa: o Sr. (Sra) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade analisar via ponto de vista dos professores como se dá a Educação Física Escolar no âmbito do Ensino Noturno na realidade do Município de Palhoça.

1. **Participantes da pesquisa:** A pesquisa contará com a participação de professores de Educação Física que trabalham com Ensino Médio Noturno.
2. **Envolvimento na pesquisa:** Ao participar deste estudo o Sr. (Sra) permitirá que o pesquisador Vinicius de Oliveira Freitas, grave a entrevista, transcreva e analise as respostas para o desenvolvimento do seu trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física Licenciatura. O Sr. (Sra) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para o Sr. (Sra). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto.
3. **Sobre as entrevistas:** A pesquisa se dará através de uma pesquisa semiestruturada, composta por oito (8) perguntas de caráter demográfico, quatro (4) sobre características da escola e dez (10) sobre o foco da pesquisa que é o Ensino Médio, principalmente o noturno.
4. **Confidencialidade:** Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados, sendo que sua identidade no momento do relatório da pesquisa será alterada, fazendo com que os leitores não consigam lhe identificar.
5. **Benefícios:** Ao participar desta pesquisa o Sr. (Sra) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre as aulas de Educação Física no ensino médio noturno, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa ajudar aos licenciados e licenciando em Educação Física a compreender melhor a realidade e a importância

da Educação Física no Ensino Médio Noturno, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador Principal : Vinícius de Oliveira Freitas – (48) 99699-4654

ANEXO B

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Estudo Demográfico

- 1 – Nome:
- 2 – Data de Nascimento:
- 3 – Sexo:
- 4 – Ano de formação:
- 5 – Tempo de Serviço:
- 6 – Carga Horária:
- 7 – Quantas escolas trabalha?
- 8 – Pós-graduação ou cursos de atualização?

Escola

- 1.1 – Quais são os horários da Escola?
- 1.2 – Qual público é atendido pela escola? (Alunos oriundos de quais comunidades)
- 1.3 – Você conhece a realidade dos seus alunos?
- 1.4 - Como a Educação Física é vista dentro da Escola?

Questionário Pessoal

- 1 – Por que cursou Educação Física?
- 2 – Quando você se percebeu professor?
- 3 – Quais foram/são suas bases pedagógicas na Educação Física?
- 4 – Qual a função da Educação Física Escolar, para você?
- 5 – O que você acha da Educação Física no Ensino Médio? E no Noturno?
- 6 – (Sabemos que os alunos do Ensino Noturno tem liberação da Educação Física caso trabalhem 6 horas diárias, sejam maiores de 30 anos ou estejam servindo no serviço militar) Gostaríamos de saber como isso interfere nas suas aulas e no seu planejamento?
- 7 – Como é a evasão escolar na escola? Os alunos que deixam a escola em um ano retornam no outro?
- 8- Como você vê a motivação e a participação dos alunos em relação às aulas?
- 9- Quais conteúdos são trabalhados nas aulas?
- 10- Teve preparação acadêmica que o preparasse para trabalhar com o ensino médio?

ANEXO C

RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS

PROFESSOR A:

Entrevista feita no dia 19/04/2017 com o professor A, nascido no dia 14/04/1965, sempre praticou esporte quando criança, Educação Física era a disciplina que mais gostava, por isso a cursou, se percebeu professor ainda na faculdade. Formado pelo Centro de ciência da saúde e do esporte (CEFID) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) em 1991, tendo assim, 23 anos de formação e atuação, possui Pós-graduação em Educação Física Escolar na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tem carga horária máxima na escola de 40 horas semanais, atua apenas na presente escola e como atividade extra na área, trabalha como tutor em uma Faculdade de Educação Física EAD (ensino à distância). A escola funciona no período matutino, vespertino e noturno. No período matutino das 7h30 às 11h30, vespertino das 13h15 às 17h15 e noturno das 18h25 às 22h00.

Perguntado sobre qual público a escola atende, alunos oriundos de quais localidades, o professor respondeu que alunos de todo o município de Palhoça, alunos de outras escolas que não possuem Ensino Médio. Perguntado se conhece a realidade dos seus alunos, o mesmo respondeu que não, conhece pouco na verdade, sabe que em sua maioria são alunos trabalhadores de classe média-baixa. Quando questionado sobre como a Educação Física é vista dentro da escola, o professor vê a disciplina como necessária, que trata de conhecimentos acerca do corpo, movimento, qualidade de vida e benefícios da atividade física. Questionado também se existe uma marginalização da disciplina dentro da instituição por parte de outros profissionais, o professor responde que essa marginalização ou a questão da Educação Física desnecessária não parte dos alunos e nem dos próprios professores de Educação Física, parte principalmente dos professores das outras disciplinas, ele não vê como discriminação, vê como ciúme, pelo fato dos alunos adorarem as aulas de Educação Física, quando o professor falta eles ficam chateados porque não querem ficar na sala, o professor complementa dizendo que

os professores da disciplina tem uma relação mais próxima com os alunos por trabalharem com as questões do corpo.

Questionado sobre quais foram/são suas bases pedagógicas na Educação Física respondeu que quando começou a trabalhar, suas aulas eram mais voltadas ao Tecnicismo, principalmente ao ensino do Desporto, ensino do fundamento e técnicas, o que o influenciou para essa prática foi sua graduação, que foi totalmente voltada ao ensino do desporto, hoje, o mesmo alega pensar diferente, a educação física pra ele deve ser uma atividade que ensine o desporto, sem a precisão do arremesso e a cobrança da técnica e o se movimentar de forma livre, atividade que propicie conhecimentos do próprio corpo, disse não ser muito conhecedor da teoria, muito por não ter visto na graduação.

Respondendo a pergunta sobre qual seria a função da Educação Física Escolar, o professor fala que *“primeiro, para cumprir a legislação por ser uma disciplina obrigatória, segundo, para que os alunos tenham uma atividade durante a semana, pelo fato de muitos não praticarem fora da escola e terceiro, para terem uma noção básica de saúde, qualidade de vida, corpo, movimento e socialização. Em relação a como vê a Educação Física no ensino médio, tanto no diurno quanto no noturno, o professor não vê diferença, a não ser os conteúdos no diurno, no período noturno percebe a EF como recreação, não recreação infantil, mas como uma forma de recreação para o aluno que trabalhou o dia todo, que trabalha muitas vezes 8 horas por dia, é importante perceber o cansaço deles, é nas aulas de EF que eles conseguem dar uma desestressada, por isso deve-se pensar em conteúdos mais flexíveis, sem tanta profundidade, pois a questão do trabalho influencia muito. Então quando esses alunos chegam nas aulas querendo jogar um futebol, um voleibol, um tênis de mesa, eu deixo”*.

Foi discutido também a questão do espaço físico para as aulas, foi observado que as aulas estão sendo feitas em uma sala somente com mesas de tênis de mesa, fazem dois anos que demoliram as quadras antigas, então desde o início dessa reforma nosso espaço se resume a essa sala, até porque eles preferem vir pra cá do que ficar em sala e já foi pior, ano passado além da reforma das quadras, a escola também estava passando por uma reforma, então imagina, nem essa sala nós tínhamos e isso prejudica muito.

Em relação ao quanto interfere às dispensas das aulas para alunos que trabalham acima de 6 horas diárias, prestem serviço militar, tenham prole e tenham mais de 30 anos, o professor alega não interferir de forma alguma, pois eles raramente usufruem dessas dispensas, preferem frequentar as aulas do que ficar em casa e quando conseguem, conseguem apenas para as aulas práticas, das teóricas não, então provas e trabalhos eles tem de fazer.

Sobre a evasão escolar, o professor vê como muito frequente, principalmente no período noturno, segundo ele, *“a evasão escolar tem vários fatores, o que me preocupa é a gurizada que fala: esse ano vou voltar a estudar. Estuda um mês, dois e sai da escola de novo, e eles não saem da escola por motivos de trabalho, família, doença, eles saem porque querem, por conta própria, porque não querem estudar, veem a escola como área de lazer, vem pra escola, ficam junto dos amigos, aprontam, bagunçam, mas estudar mesmo eles não querem e com o passar do tempo eles saem, acontece muito isso”*. Questionado sobre a relação trabalho x escola, não vê como motivo de evasão, pois segundo ele, *“os alunos que estão nessa condição são muito raros, aquele guri novo que já trabalha, já tem a consciência que precisa estudar para melhorar sua condição financeira, sua condição social. Os que mais se evadem são realmente os que não querem estudar, que querem ficar na rua, que querem fazer outro tipo de atividade que não é legal. Esses que trabalham arrumam um jeito de estudar, se trabalha a noite, estuda de dia, se trabalha de dia, estuda a noite”*.

A motivação e a participação dos alunos nas aulas de EF também foi discutido. De acordo com o professor, *“tirando algumas meninas principalmente que parecem chegar mais cansadas, não sei se é um pouco de preguiça, as meninas da noite praticam bem menos atividade, as de dia ainda não, praticam normalmente, agora as da noite praticam bem menos atividade, não sei o que é, se é trabalho, jornada dupla, tem meninas dessas que tem jornada até tripla, trabalha de dia, estuda à noite e ainda tem família para cuidar, pode ser em relação à isso, no mais é normal igual ao período da manhã”*.

Sobre os conteúdos propostos, *“quando a escola te possibilita trabalhar com todos os conteúdos, trabalhamos os conteúdos normais da EF, os desportos, dança, principalmente em época de festa junina, lutas é muito difícil pela falta de*

conhecimento, mas de forma mais aprofundada os desportos coletivos, tênis de mesa e xadrez, que são os mais básicos. Com a vinda do ginásio talvez a gente consiga ampliar esses conhecimentos, tendo sala de lutas, ginástica, dança, mas os mais trabalhados são os desportos coletivos, muito por falta de espaço, se tivesse uma sala com tatame e kimono, para uma boa aula de judô, uma sala de ginástica com aparelhos, o problema mesmo é físico, em termos de espaço e material, havia tempo que o governo te fornecia materiais para escola, hoje em dia temos duas quadras semiprontas que não podem ser usadas por que não temos uma bola, o estado não manda, a escola não tem dinheiro para comprar, bolinha de ping-pong, geralmente eu tenho que comprar, a escola quando tem dinheiro ajuda, mas se não nós iríamos estar só no lápis e na caneta”. Questionado sobre a parte teórica, o professor relata que “aqui como nós estamos no ensino médio, essa base teórica, eles já trazem do ensino fundamental, eu costumo incluir a questão da atividade física e saúde, questão do conhecimento do corpo, corpo saudável, corpo não saudável, fazemos trabalho teórico, pesquisa que eles apresentam”.

Por fim, foi conversado sobre a questão da preparação acadêmica, “Não tivemos nenhuma disciplina específica, até porque não diferencia muito do ensino diurno, isso se aprende muito com a prática, tem que ter sensibilidade do que deve ser trabalhado, saber observar os detalhes, alunos que chegam cansados, alunos que vem do trabalho para escola, quem vem com o uniforme da empresa onde trabalham, com calçados inadequados, tem-se essa necessidade de fazer com que a aula pra eles seja algo consigam liberar toda essa energia que eles trazem do dia a dia, se chegar aqui e começar a passar matéria eles vão embora, porque eles querem se divertir, dar risada”. Em relação à questão da preparação acadêmica, “não há necessidade, precisa mesmo é que o professor tenha sensibilidade, saber o momento que ele pode trabalhar, que ele precisa se divertir, é disso que ele precisa, ter o feeling com o noturno, que é realmente diferente”.

PROFESSORES B e C:

Entrevista feita no dia 20/04/2017 com a professora B, nascida no dia 03/12/1976 e o professor C, nascido no dia 27/10/1977, o professor sempre praticou esporte, mesmo não tendo EF onde estudava, por ser uma escola técnica e noturna, não existia EF. A professora vem de uma família de professores de educação física, pai, tio, primos e irmãos, vem de uma família que vive a EF, mas nunca quis, sua primeira formação foi em gestão de pessoas (RH), até sua empresa demitir todos os seus funcionários. Já em Florianópolis decidiu fazer o ENEM, pelo desejo de sua mãe, passou e ganhou uma bolsa e hoje vê que fez o certo.

Professor formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1998, tendo assim, 18 anos de formação e atuação, possui Pós-graduação em fisiologia do exercício. A professora é formada pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) em 2015, tendo dois anos de formada, mas de atuação já possui 7 anos, possui Pós-graduação em Neuro-psico-pedagogia. O professor tem carga horária máxima na escola de 40 horas semanais, atua apenas na escola pesquisada, já a professora atua apenas 20 horas na escola, por ser ACT, trabalha outras 20 horas em outra escola. A escola funciona no período matutino, vespertino e noturno. No período matutino das 7h30 às 11h30, vespertino das 13h15 às 17h15 e noturno das 18h25 às 22h00.

A escola atende todo o município de Palhoça, é uma escola central que atende todos os bairros. Sobre a realidade dos alunos o professor conhece bem pouco e a professora conhece o que eles contam. *“Alguns trabalham de dia e estudam a noite, alguns estão matriculados porque precisam da declaração para entregar no trabalho, alunos esses, que aparecem de 15 em 15 dias só para incomodar”*. Em um dos comentários da professora ela alega ter alunos entre a faixa etária de 15 a 31 anos. Foi observado uma aluna gestante na aula da professora, segundo a mesma, a aluna está com 7 meses e está fazendo apenas trabalho teórico e assim que ela se afaste serão mandados trabalhos para serem feitos em casa. O professor também comenta que também possui uma aluna gestante, mas ela não vem mais a aula, ela faz em casa e entrega. Das alunas gestantes citadas, a que estuda a noite é aluna da professora e trabalha durante o dia, já a do professor, está no ensino médio integral e estuda durante o dia e não trabalha. Perguntados sobre como a EF é vista dentro da escola o professor respondeu que *“para os alunos, eles querem para sair da sala, é o número um, até*

quem não gosta de atividade física, gosta para sair da sala”, a professora complementa dizendo que a maioria gosta. Em relação aos funcionários o professor comenta que “por parte dos professores de outras disciplinas sempre tem uma piadinha, uma brincadeirinha”, a professora complementa, “entrei na sala dos professores esses dias e um professor que não sei o nome falou, ‘devia ter feito EF’, mesmo sendo uma brincadeira, tem uma desvalorização. O professor também comenta, “estamos com falta de material na escola, tem uma desvalorização por parte do estado e da escola também, falta à direção correr atrás”, a professora complementa, “sempre trabalhei em escola estadual, o governo repassa a verba, falta a escola correr atrás também”.

Perguntados sobre quando se perceberam professores, o professor respondeu que depois de formado, quando começou a trabalhar, *“o estágio não é igual, é totalmente diferente, fui sentindo as dificuldades do dia a dia, fazer a chamada, dar nota, isso você aprende com a prática”*. Já a professora, começou já no segundo semestre da graduação, *“trabalhei com educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, educação carcerária. Eu levei muito do que eu vivia para sala de aula, eu questionava bastante a teoria, porque não eram as mesmas coisas e eu confrontava os professores”*. Sobre quais foram/são suas bases pedagógicas na EF a professora responde que, *“no início com o ensino médio, eu trabalhava com aulas abertas e a crítico-emancipatória, dando liberdade para o aluno opinar e participar das aulas, mas entendo que é importante trazer um pouco de tudo”*. O professor teve um pouco de dificuldade de definir suas bases, pareceu não conhecer muito, mas o mesmo respondeu, *“a gente tenta fazer com que o aluno seja protagonista, é importante dar liberdade para o aluno, fazer ele correr atrás”*.

Respondendo sobre qual a função da EF, o professor responde que, *“para mim, no ensino médio, estimular a prática de atividade física, mais importante, cada vez mais menos alunos fazem EF”*. A professora complementa, *“tratando-se do ensino médio, eu concordo com o professor, por mais que eles não gostem da teoria, acho necessária, a questão da atividade física, preparando eles para a vida, para uma vida saudável, conscientizando na verdade, a questão dos anabolizantes, pois muitos estão na academia”*. Em relação ao que os professores acham da EF no ensino médio e principalmente o noturno, a professora vê sim uma diferença entre o diurno e o noturno,

os alunos são mais velhos, na sua maioria trabalham, estão mais cansados, tem alunos que não querem nada com nada, são mais largados, mas se a gente puxar eles acompanham, isso no noturno, mas no geral é quase a mesma coisa. O professor comenta que, *“no diurno temos mais contato, no ensino integral, nós temos a disciplina de projeto de vida, então a gente acaba identificando alguns casos. No noturno, as vezes eu jogo com eles, mas não tenho muita intimidade, algumas vezes eu pergunto o por que de não participarem e eles acabam falando que está acontecendo com eles”*. A professora comenta também que só está na escola a noite, na medida do possível o que eles contam ela sabe.

Em relação ao quanto interfere às dispensas das aulas para alunos que trabalham acima de 6 horas diárias, prestem serviço militar, tenham prole e tenham mais de 30 anos, o professor responde que, *“não, não interfere, tenho um aluno que está no exército, ele quase nunca vem, ele falta porque segundo ele, fica muito tempo no serviço militar, mas quando vem ele participa, eu tive um aluno mais velho e ele também participava”*. Já a professora, *“perante a lei eles sabem que não precisam praticar, mas eles gostam, tenho uma aluna de 31 anos, com filho de 14, eu até questioneei, mas ela disse que gosta, são amigos do meu filho, eu gosto de estar no meio deles. Não pedem dispensa, dispensa da prática, da teoria não. Eu tenho alguns alunos que são do guarani-club de futebol da cidade, eles têm um certo cuidado, não podem se machucar, porque tem contrato, se eles não quiserem eu entendo, tenho alguns de atestado porque se lesionaram”*. Perguntados sobre como é a evasão na escola, o professor afirma que, *“nosso maior problema aqui no Ivo Silveira, no ensino médio noturno é a evasão escolar, no ano passado teve bastante desistência, muito mesmo, final do ano turmas de 10, 15 alunos e acontece muito de eles desistirem num ano e no outro voltarem, existem casos, vi isso acontecer 2, 3 anos. Começam e desistem, retornam e desistem e retornam e desistem novamente. O maior problema é que eles dizem que são obrigados a trabalhar, e aí eles dão preferência ao trabalho e não pro estudo. Eu acho que falta estímulo da família, eles não tem apoio nenhum, eles tem que trabalhar e estudar também, eu trabalhei e estudei e tive apoio da família. Acho que falta isso, Nunca desisti”*. Professora, *“é meu primeiro ano aqui, então não sei muito, mas em outras escolas, não haviam muito casos de evasão. Mas aqui, tem um aluno que*

apareceu e que eu nunca tinha visto pedindo declaração para conseguir o jovem aprendiz, mas para conseguir o emprego eles precisam estar estudando, então eles vem para a escola só pela declaração, eles se matriculam, conseguem o emprego e não vem mais. Eu também trabalhava e estudava”.

Em relação a como vem a motivação e participação nas aulas, o professor responde que, *“eu vejo a motivação, seria melhor se tivesse espaço físico e material, a EF tem muito a ver com a questão do espaço físico e material, se eu tenho bola furada e quadra esburacada, a motivação é lá em baixo, se esta tudo certo a motivação é alta. Nós estamos com o problema da estrutura, com o pessoal do diurno eu caminho e faço coisa diferentes, mas com o pessoal do noturno não dá pra caminhar porque eles fogem”.*

Já os conteúdos trabalhados, segundo o professor, *“com certeza voleibol, futsal, basquete e o handebol, que são os básicos da EF, durante o dia faço umas caminhadas, outros tipos de atividades fora da escola. nas aulas teóricas, sempre gosto de trabalhar a importância da atividade física para saúde”.* Professora, *“na prática eu trabalharia mais esporte com o noturno, mas em outras escolas de dia que eu trabalhava eu fazia treinamento funcional, eu saía, fazia caminhada, de dia da pra fazer atividades diferentes, mas a noite eles chegam cansados, imagina o cara trabalhar o dia inteiro e vir pra cá fazer treinamento funcional, mas eu explicava, na medida do possível eu tento trabalhar a questão das valências físicas, qualidade de vida, mesmo que não esteja sendo aplicada, paraque eles tenham um pouco mais de conhecimento”.* A avaliação feita pelos professores é a mesma, nota de participação e trabalhos escritos sobre atividade física e saúde.

Para finalizar, os professores foram perguntados se tiveram preparação acadêmica para trabalhar com o ensino médio. O professor respondeu que, *“estágio a gente teve, mas preparação foi depois de se formar, curso de atualização, cursos online, presencial e atividades dentro da escola, eu trabalho com o ensino integral, e esse proporciona alguns cursos específicos para se trabalhar com o ensino médio”.* E a professora, *“eu fiz alguns cursos, ginástica, esportes de aventura, quando tenho a oportunidade faço alguns cursos de atualização, na graduação não tivemos tempo pra isso, só com a prática docente”.* Foi perguntado também se escolheram trabalhar com o

ensino médio, principalmente noturno e os professores responderam. Professor, *“sou efetivo, esperei anos para o concurso para essa escola, eu vim para cá porque eu quis, eu escolhi, moro aqui perto também, mas tive a opção de escolher entre aqui e uma escola de ensino fundamental, mas preferi aqui”*.

Professora, *“mesmo sendo diferente, eu sou ACT e posso escolher, trabalhei em várias escolas e vários níveis, mas eu gosto do ensino médio, gosto dessa faixa etária, gosto também dos anos iniciais, educação infantil”*. Por ser ACT a professora diz que interfere no planejamento, *“o professor anterior não fez nada e você tem que começar do zero ou se faz algo diferente os alunos reclamam, “ah, prefiro o professor antigo”, “ou você constrói algo com eles, você sai e no ano seguinte se perde tudo pela troca de professores”*.

PROFESSOR D:

Entrevista feita no dia 24/04/2017 com a professora D, nascida em 17/05/1973, desde criança sempre gostou de esporte e sempre quis ser professora, mãe professora e marido professor, se percebeu professora durante a graduação. Formada pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) em 2008, tendo assim, 8 anos de formação, possui Pós-graduação em Interdisciplinaridade na educação. Trabalha apenas uma noite na escola, dando 4 aulas e atua em mais uma escola por ser ACT, a maioria da sua carga horária é feita na outra escola e complementa na escola campo da pesquisa. Perguntada sobre qual público a escola atende, alunos de todo o município. Perguntada se conhece a realidade dos seus alunos, *“Alguns alunos eu conheço porque já foram meus alunos em outras escolas, sendo na sua maioria classe média-baixa”*.

Quando questionada sobre como a Educação Física é vista dentro da escola, a professora relata que é seu primeiro ano na escola, primeiro mês pra ser mais exato, está na escola desde 21 de março e por isso alega não conhecer muito, mas sente a EF isolada das outras disciplinas, não se integrou com os professores e funcionários por vir apenas uma vez por semana, por isso não sabe muito como a EF é vista dentro da escola, mas foi muito bem recebida por todos, sente de outras experiências certo preconceito, por dar aulas em quadras expostas e abertas a julgamento.

Questionada sobre quais foram/são suas bases pedagógicas na Educação Física disse ser *“bem eclética, não sigo apenas uma, analiso a realidade da escola e dos alunos para depois pensar em algo, para o ensino médio, penso em algo mais aberto”* e complementa, *“é difícil mexer com adolescentes, prefiro os pequenos, minha preferência são os anos iniciais”*.

Respondendo a pergunta sobre qual seria a função da Educação Física Escolar, a professora responde que *“na minha visão, principalmente nos anos iniciais, a EF tem uma interferência muita grande no desenvolvimento cognitivo e psicomotor da criança, já nos anos finais e ensino médio, na minha cabeça seria mais uma recreação, é muito importante tirar eles da sala de aula, para aliviar um pouco a cabeça, mas para mim o básico da EF tem que ser dado no começo, nos anos iniciais. No ensino noturno, não tem como pegar pesado, tem que ser bem light, por causa da carga horária deles, a maioria trabalha, cerca de 95% trabalha, tem que ser mesmo uma recreação”*. Em relação a como vê a Educação Física no ensino médio, tanto no diurno quanto no noturno, *“é o meu primeiro ano aqui, eu me surpreendi, eles gostam, eles querem participar, tem interesse e cobram a quadra porque estão sem, em outras escolas eu dava mais trabalhos e atividade física para o diurno, tem que ser mais light com o noturno, tem diferença”*.

Em relação ao quanto interfere às dispensas das aulas para alunos que trabalham acima de 6 horas diárias, prestem serviço militar, tenham prole e tenham mais de 30 anos, a professora fala que *“na verdade eles não pedem dispensa, eles gostam de fazer, não obrigamos, mas eles fazem, é muito difícil alguém chegar até nós, alegando que trabalha, que tem filho, que tá cansado, os que falam estar cansados a gente dá jogos de tabuleiro, para não deixar de fazer nada”*.

Sobre a evasão na escola, como a professora já tinha dito, diz não saber muito sobre isso, devido ao pouco tempo na escola, mas fala de suas experiências em outras escolas que trabalhou, *“ano passado trabalhei com o ensino médio, muita pela atual situação do Brasil, muitos estão largando porque tem que trabalhar, ajudar a família, por isso que esse ensino integral começou errado, tem que começar nos pequenos”*.

Em relação à motivação e a participação dos alunos nas aulas de EF, a professora afirma que *“quando se fala em trabalho eles ficam desanimados, vê diferença entre o diurno e o noturno, os alunos do diurno são mais motivados, mas depende da escola, os alunos dessa escola são bem motivados, muitas vezes não querem voltar para sala”*.

Já sobre os conteúdos, *“tênis de mesa e xadrez, muito pela limitação. Agora estamos trabalhando a historia do tênis de mesa, embasando a importância da EF no ensino médio e os cuidados com o corpo e saúde nas aulas teóricas. A gente vai sentar pra conversar para ver o planejamento, mas a intenção com a reforma das quadras e ginásio é trabalhar o basquetebol, voleibol, futsal, handebol que é o que a gente pode dar, mais voltado para os esportes coletivos e a parte teórica, o histórico e os fundamentos dos esportes coletivos, mas nas aulas teóricas gosto mesmo é de trabalhar a promoção da saúde.”*Na avaliação, *“tem um trabalho, participação e a prática da modalidade, não dá para cobrar muito, no diurno a gente dá mais trabalho, puxa mais eles”*.

Por fim, questionada sobre sua preparação para atuar no ensino médio, a professora respondeu que teve estágio-obrigatório, *“é pouco, sua realidade é outra”*. Conversando informalmente fora da entrevista, a professora diz não ter escolhido o ensino médio, por ser ACT, teve que pegar, *“minha preferência é pelo ensino fundamental, o retorno é muito maior”*. *“É minha primeira experiência com o ensino noturno, não gostei, não quero voltar, no diurno é diferente, a gente tenta, mas não quero voltar não”*.